

III
200,00

7

Revista de Ensino

ANNO XIII

JUNHO — 1914

NUM. 1



São Paulo, Junho de 1914.

Passando para as nossas columnas, devidamente autorizados pelo seu auctor, o illustre psychologo Prof. Dr. Ugo Pizzoli, o esplendido trabalho abaixo, inserto no «Estado de S. Paulo» de Maio, ao mesmo tempo que honramos a nossa «Revista», prestamos um assignalado serviço aos professores que nos lêem.

Dessas linhas, traçadas por mão de mestre, e o Prof. Ugo Pizzoli assim o é considerado em todo o mundo onde a Psychologia Scientifica é parte integrante do preparo do professor, se vê a sua firme orientação e o seu profundo preparo na sciencia em que especializou as suas preocupações intellectuaes.

Que as leiam os nossos professores com todo o interesse, e meditem sobre os principios dellas decorrentes, afim de rectificarem a sua orientação pedagogica, em proveito da cultura intellectual e moral da sociedade que amanhã terá de dirigir os destinos do Brazil.

Coleção "MACEDO SOARES"

Doação: Secretaria da Educação / SP

Data 30/09/77

Proc. FEUSP 141/77

N.º Ordem

N.º Chamada

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA CENTRAL
DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DO
SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA
SÃO PAULO

I. Z.
4385

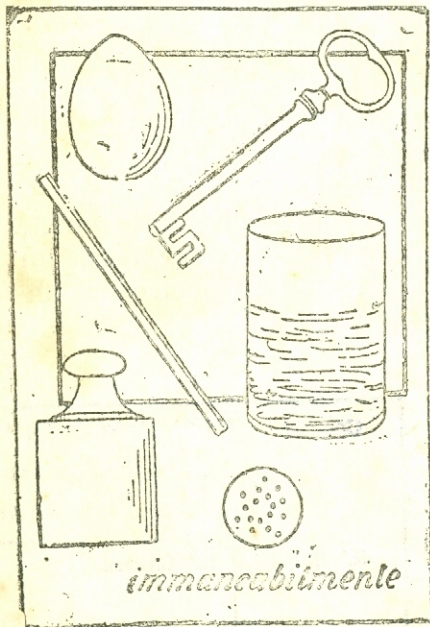
PSYCHOLOGIA PEDAGOGICA

Sem tocar o instrumento não se lhe pode conhecer o som

Apresentae a um menino de escola a estampa seguinte e perguntae-lhe :

— Quanto pesa o ovo? a chave? o peso? Qual o comprimento da regua, o tamanho do quadrado? Quanta agua contem o copo? Quantos pontinhos ha no chocolate? De quantas letras consta a palavra?

Pelas respostas podereis avaliar o «senso commum» ajuizar do proveito que o menino tem sabido tirar da experiencia e do espirito de observação.



officinas para conhecerem as aptidões individuaes dos candidatos aos empregos, na Italia, e antes de quaesquer outros, as empregaram : o Gabinete de Psychologia do phrenocomio de Reggio

Que fiz eu, em summa?
Submetti o alumno a uma «prova», a um «ensaio mental», com uma «experiencia» facil, simples, atrahente — e obtive «respostas» que me descobrem uma nesga das suas aptidões mentaes. E como estas são varias e numerosas, numerosas e varias são as «experiencias» de que disponho — passam de cem — e não constituem um codigo completo.

**

Estas «provas», conhecidas em psychologia com o nome de «mental-tests», são originarias da America do Norte. Aliás, emquanto em Nova York dellas se serviam os directores das grandes

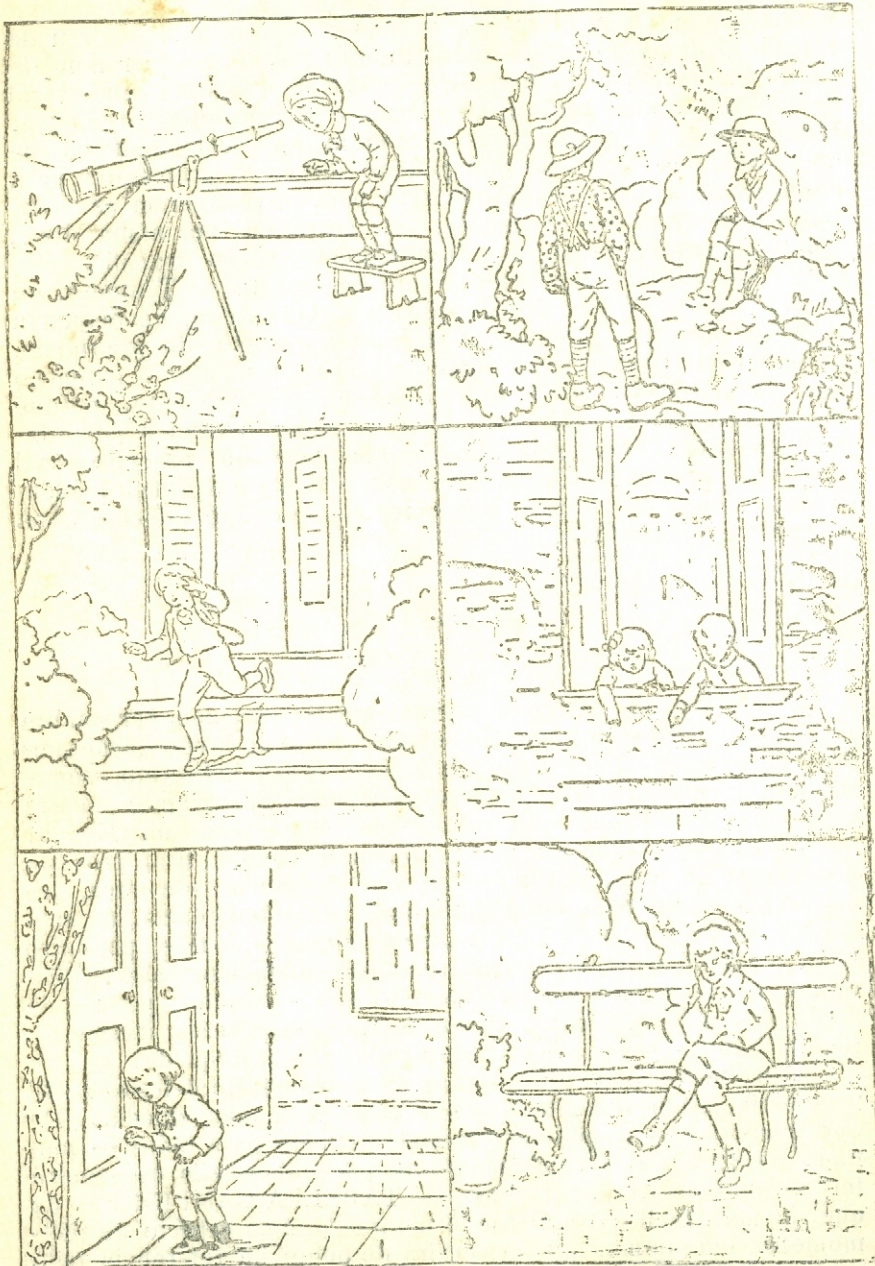
Emilia, onde o psychiatra as utilizava para avaliar o grau de equilibrio dos alienados, e o Instituto de Pedagogia, por mim dirigido em Milão, onde por meio dellas se fazia o exame geral das faculdades sensitivas, psychicas e moraes dos discipulos. Deste modo os «mental-tests» entraram na escola, augmentando-se assim os meios de que podem dispôr os professores para conhecerem a alma dos alumnos e para investigarem as eventuaes directrices das vocações. E entraram, por assim dizer, triumphalmente, mercê do discernimento e do trabalho concorde de todos os psychologos : de De Sanctis a Toulouse, de De Sarlo a Waschide, de Biret a Claparède, de Seguin a Kulpe. Mas, por Deus, não façamos questão de prioridade, porque neste caso serei obrigado a fazer remontar a invenção dos «mental-tests» ao Padre Eterno : effectivamente, porque teria sido posto ante os olhos de Adão e Eva o pomo fatal, senão para «experimentar» a obediencia do primeiro casal humano? Reconheçamol-o, portanto : o pomo é o primeiro «mental-test», quer na ordem chronologica, quer em relação á sua efficacia e genialidade.

**

Neste primeiro artigo de psychologia escolar, nem por sombra levaremos o leitor ao conhecimento dos meios de investigação mais complicados, que podem descobrir, com o seu indiscreto esquadrihar, o mysterio de uma consciencia: Fal-o-emos noutra occasião. Por hoje, limitar-nos-emos ao terreno da Escola.

Toda gente sabe que os professores podem tirar proveito dos jogos, do costume quotidiano, dos trabalhos escolares, das informações dos paes para aquilatarem da intelligencia, do sentimento e da vontade de cada um dos alumnos — mas, por outro lado, é sabido igualmente que tudo isto ainda não basta. Juntemos a esses recursos os «mental-tests» — usados, porém, de modo systematico, alegre, divertido, algumas vezes mesmo — porque não? — sob a forma dissimulada de brinquedo.

Como deverá o professor applicar os «mental-tests»? E' necessario, primeiramente, que elle estabeleça uma «média». De que maneira? — Repetindo o mesmo methodo para todos os meninos da 1.^a classe; com os resultados obtidos elle conseguirá formar um «quadro das médias» — TABELLA-CAMPIONE — de que lhe será facil extrahir um termo médio, uma especie de thermometro, em summa, que lhe servirá de ponto de referencia toda vez que effectuar a experiencia sobre cada um dos individuos.



Mas já é tempo de apresentarmos exemplos. Darei alguns, tomados á minha collecção.

Ao apresentar a cada alumno a folha anterior (contendo seis figurinhas que representam factos diversos e de facil interpretação) juntamente com uma collecção de lapis de varias côres, derver-se-á convidal-o a colorir as figuras — que deverão ter apenas o contorno — deixando-o livre na escolha das côres. (Convirá vigiar os alumnos para evitar que se copiem reciprocamente). Esta experiencia é sempre fecunda em resultados.

Examinemos alguns dos trabalhos obtidos.

A côr é uniformemente distribuida? encontra-se sempre contida entre as linhas do contorno? Bem: o menino possuirá o «senso da ordem», da «symetria», será «diligente» e dotado de «paciencia».

Ha verdade na applicação das côres? — Neste caso, o menino terá o «espírito de observação» e o «poder de reflexão».

Ha abuso de alguma côr — abuso não justificado pelas exigencias figurativas? — Poderá ser effeito eventual de distracção, de desatenção, de desleixo; mas, se se repetir semelhante abuso, do mesmo modo e com a mesma constancia, em muitos outros desenhos, então esta excessiva «preferencia chromatica» encontrará a sua razão de ser numa deficiencia ou anomalia do senso chromatico, e em tal caso o educador terá a obrigação de examinar o senso chromatico para pôr em relevo e corrigir sempre que fôr possível — semelhante defeito.

Realizado este primeiro exame relativo á parte extrinseca e graphica do ensaio, deverá restituir-se ao alumno a folha e convidal-o a descrever os actos praticados pelos personagens: um menino olha por um oculo e ri: que verá elle? Um outro escuta á porta e mostra-se triste; que estará elle ouvindo? As respostas escriptas, além de constituirem optimos exercicios literarios, attestarão os poderes da sua «logicidade», a «força da imaginação constructora» e da sua «phantasia inventiva».

*
*
*

Aqui está um outro «mental-test» que não deixa de dar sempre suggestivos resultados.

Sobre uma folha de papel estão impressas dez perguntas, que põem o menino em certo embaraço na escolha da resposta: «1.^a — Se perderes a corrida, que farás?» 2.^a — Se tivesses um mil réis, como o empregarias? — 3.^a — «Se te perdesse numa rua, como procederias?» 4.^a — «Se se te quebrar um ovo na mão, como te arranjarás?» 5.^a — «Se lebares um tapa e não souberes qual dos teus companheiros t'o deu, que attitude tomarás?» 6.^a — Se te acontecesse quebrar um brinquedo alheio que farias?» 7.^a — «Se o negociante, ao dar-te o troco, te passar 400 réis a mais, que

comprarás?» 8.^a — Pedrinho furta um doce, e te mostra: que porção queres desse doce?» 9.^a — «O cavallo pinoteia porque uma vespa o morde, que farás diante disso?» 10.^a — «Uma estatua do jardim olha para ti e sorri — que lhe dirás?»

Como vê o leitor, as perguntas são muito variadas e induzem o menino a responder sobre uma gamma enorme de motivos. Serão sinceras as respostas? Procurará elle responder de modo a agradar ao professor? Um educador perspicaz logo o perceberá e aproveitará a occasião para alguma reflexão moral, para algum ensinamento pratico, para encorajar o alumno se este houver mostrado certa perplexidade na escolha do motivo. Como quer que seja, do conjunto das respostas, da solididade com que forem redigidas, da maior ou menor verdade de que forem assignaladas pode o professor descobrir as tendencias effectivas e sentimentaes do discipulo, a sua perspicacia mental, o senso commum e pratico da vida.

A colheita que fiz destas «provas psychicas» é abundantissima: ha-as para a intelligencia, para o senso moral e para a vontade; para crianças analphabetas e possuidoras dos varios grãos da cultura elementar; para crianças tardias, deficientes e phrenasthenicas. Mas não pretendo ter compilado um codigo completo, pelo contrario: o meu trabalho sómente aspira a servir de guia aos educadores, para que formem sempre experimentos novos, frescos, modificaveis em toda occasião, conforme o que se deseja descobrir de individual na criança—quer se trate do patrimonio de idéas e de conceitos, quer da dinamica intellectual e dos poderes raciocinantes, que, enfim, busquemos a quantidade e qualidade dos sentimentos e a força de vontade.

Serão, pois, usados sem regra apparente para o alumno, mas com criterios logicos e chronologicos para o professor.

Vejamos outro.

Nesta folha de papel estão escriptas varias palavras.

agua	rosa	queijo	bicycleta
trovão	abobora	mulher	tinteiro
branco	matrimonio	gosto	relogio
pharmacia	bandeira	vinho	amora
pés	biombo	musica	tecto
Julio	cal	peito	virtude
coração	natal	Deus	doutor
céu	parochio	theatro	carta
urina	giz	facca	caridade
leito	ferro	seda	mãe
pernas	ama	domingo	advogado
Brazil	sapiencia	socialismo	rua
verde	—	—	—
assucar	—	—	—

Convide-se o alumno a escrever ou dizer oralmente (e neste caso convem tomar nota da resposta) qual a primeira imagem, idéa, pensamento ou sentimento que se lhe apresentaram á mente a cada uma das palavras da folha. As palavras servem de estímulo e das respostas assim induzidas se pôde pôr em evidencia o typo mental.

Será um «typo phantasia» se encontrarmos superabundancia das associações por coordenação, e, ao contrario, será um «typo deductivo» se nelle encontrarmos o maior numero de associações por «subordinação».



Se lhe apresentarmos estes quatro quadrados, que nol-os descreva livremente, poderemos ter um indice da sua imaginação reproductiva e constructora e o colorido especifico das suas imagens. De accordo com taes exames poderemos julgar se o nosso alumno tem tendencias para «descriptor generico» ou para «observador» diligente e minucioso; se se inclina mais para o «typo emotivo» ou para o «erudito» e se o seu pensamento se deixa arrebatado em vôos imaginosos ou se propende para factos concretos e communs.

Para avaliar a «logicidade dos poderes associativos» a facilidade em achar os nexos logicos entre cousas e cousas, acções e acções até certo ponto, mesmo o grau de imaginação generica pode-se dar á criança esta folha de papel, convidando-a a formular um pensamento para cada grupo de palavras, a escrever uma proposição cujo nexos se manifeste.

- 1.º) agua — barca
- 2.º) vermelho — tela — vento.
- 3.º) negro — penna — branco
- 4.º) estrada — carroça — bicycleta — multidão
- 5.º) bandeira — victoria — patriotismo
- 6.º) gaz — talher — carne.
- 7.º) lacre — sello — horario
- 8.º) fumo — velocidade — ferro — relampago.

- 9.º) mestra — paes — bedel — amora
 10.º) virtude — honestidade — louvor

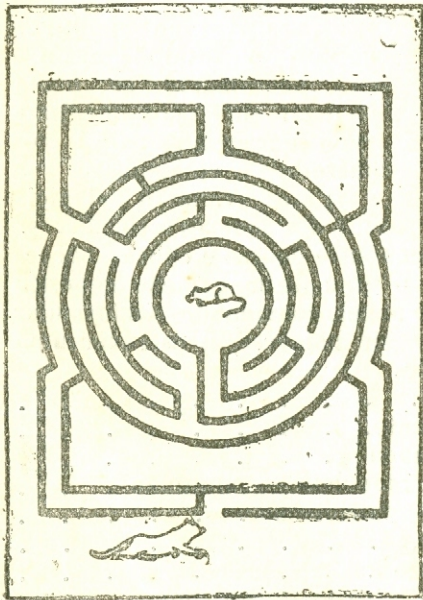
**

Esta nova experiencia é constituida por um trecho de prosa facilimo ; mas, com mudanças adequadas, pôde tambem tornar-se muito difficil. Poderemos, em summa, percorrer toda a escala das difficuldades.

«Querido filho, quando..... noite, antes de.... para a cama, vaes .. beijar.... pae, e elle te..... a cabeça... as mãos e te..... na frente, pensa que o..... trabalha todo o..... ; operario passa o... na fabrica ou no... ; camponez desde a manhan..... sua sobre..... ; empregado, tabalha todos.... horas sobre a mesa.... ; e é por ti, sempre por... querido filho ! Então tu.... aos ouvidos. Caro..... eu sei que.... quizeste.... hoje como ... e tambem eu te... sempre. Boa.... a ti, querido....., meu».

Que deverá fazer o alumno? — Ler correntemente, acrescentando as palavras que faltarem ; ou, então, escrevel-as nos espaços assignalados pcr pontos. O segredo está no apanhar logo o significado daquillo que lê.

No centro do labyrintho está um ratinho e á entrada um gato.



Que caminho deverá percorrer o gato para agarrar a presa?— O menino o seguirá com o lapis. Se fôr paciente depois de repetidas tentativas conseguirá atinar. Se, ao contrario, não tiver paciencia, cançar-se-á logo e desistirá da experiencia, quando não succeda — como por varias vi — encurtar a estrada do labyrintho, lembrando-se de que a linha recta é sempre a mais breve... entre o gato e o rato.

**

Num artigo de jornal não é possivel dar mais que uma pallida idéa dos methodos escolares da psychologia individual,

e eu não quereria que alguém, ao cabo desta leitura concluísse — «Mas isto são brinquedos, artimanhas, os quaes é muito facil esquivar com o engano, com a mentira ! Não — respondo — porque o professor é dotado de sagacidade psychologica e se não fôr marinheiro de primeira viagem, muito facil lhe será com «interrogatorios directos», e por vezes dissimulados, pôr a limpo a verdade e seleccional-a nos ferrolhos das respostas. Mas não se esqueça o leitor de que todas estas indagações psychologicas devem ser completadas mediante uma serie de informações que o professor tomará aos paes : que brinquedos prefere ? é propenso á imitação ? tem tendencias a fazer perguntas ? a conhecer os «porquês» ? é expansivo em familia ? e com os extranhos, como procede ? maltrata os animaes ? é astuto ? diz mentiras ? surripia as cousas com astucia ? é brando ? é grosseiro ? — e assim por diante.

Ainda para estes interrogatorios temos «formularios» especiaes que impellem as investigações sobre todo o arco-iris das facultades mentaes.

De resto, não devemos crer que a alma das crianças seja um passariinho que vagueie pelo infinito e que não possamos aprisional-o ; a psychologia tem suas redes adequadas e pode sempre limitar o espaço ao livre vôo. Não esqueçamos que a indagadora psychologia tem olhos de lynce.

**

O cosmos mental da criança não nos deve amedrontar pela sua complexidade. Com paciencia, poderemos seguir-lhe o grandioso movimento, e propor-nos senharear passo a passo toda a engrenagem do seu mecanismo. E' precisamente sobre cada um dos elementos que devemos assestar a nossa investigação — estudal-os, perscrutal-os isolados entre si. E' somente do estudo methodico das sensações e das recordações ; do modo de associar das percepções com as emoções ; do modo de orientar os novos estímulos sobre o fundo das percepções antigas e do observar como se formam os novos agrupamentos e as novas fusões, que poderemos ter dados importantes sobre a maneira por que se suscita, se forma e se desenvolve a actividade raciocinante ; sobre o tom sentimental das emoções que propellirão a vergontea humana á conquista da arte, sobre o rythmo que levará a pequenina alma á formação da sua personalidade moral.

As fadigas do professor em tal trabalho de pesquisas são ponderosas ; mas convem que elle mostre a frente serena e não conheça o mau humor : os fructos que colherá justificarão as fadigas da sementeira. O programma dos trabalhos é digno dos

ideaes que a sciencia sempre ávida de novas aquisições quer alcançar; é digno da piedade e do amor humano que são os unicos propulsores da vida civilisada!

UGO PIZZOLLI
(Da Universidade de Módena)

Programma do curso de Pedagogia Experimental que se effectuará de 18 de Junho a 11 de Julho, na Escola Normal Secundaria

Este curso será exclusivamente para os srs. professores residentes no interior do Estado.

Leval-o-á a effeito o sr. professor Ugo Pizzolli, a pedido do sr. dr. Altino Arantes, que por essa forma attende ás innumeras solicitações que nesse sentido lhe dirigiram os referidos professores.

Registamos como um excellente symptoma a iniciativa destes ultimos — iniciativa que evidencia o interesse de que se vão cercando em nosso meio os assumptos da especialidade do illustre professor da Universidade de Módena.

PARTE THEORICA

- I. — *Exame anamnestic* — Hereditariedade. — Nascimento. — Familia. — Phases da vida. — Caracteres hereditarios e adquiridos. — Morbosidade da infancia. — Ambiente familiar.
- II. — *Exame physico*. — Canones da normalidade physica e da belleza. — Peso; aparelhos; systemas; orgãos. Technica para o exame physico.
- III. — *Exame anthropologico*. — Cabeça; tronco; membros. — Caracteres ethnicos. — Desvios do normal. — Estigmas da degenerescencia physica. Exercicios individuaes.
(Os senhores assistentes serão distribuidos em tres grupos).
- IV. — *Exame anthropologico. Folha biographica*. — Technica para colligir os dados anthropometricos. — Exercicios individuaes. — Caracteres somato-anthropologicos dos anormaes (idiotas, cretinos, phrenasthenicos). Exame pratico de deficientes.

- V. — *Exame physiologico*. — Coração, pulso: esphygmographia. — Pulmões: espirometria e espirometrographia. — Força muscular: dynamographia e dynamometrographia; ergographia. — Linguagem. — Defeitos. *Sensações fundamentaes* (Parte theorico pratica): dor e prazer. — Sentimento. — Emoções. — Temperamentos. — Volições. — Inibições. — Caracteres. — Impulsivos. — Reflexivos. — Prova para o exame da conducta e da disposição.

PARTE PRATICA

- Exame ethesiologico*. — Sensibilidade externa e interna.
- I. — *Vista*: potencia visual. — Campo visual. — Sentido chromatico. — Potencia de acomodação. — Exercicios praticos para examinar a vista. — Provas praticas para indagar da vocação das crianças para as artes figurativas.
 - II. — *Ouvido*: acuidade auditiva. — Qualidades dos sons. — Orientação dos sons. — Educação do ouvido.
 - III. — *Tacto e sentido muscular*. — Descrição tactil. — Sentido esterognostico. — Baroesthesiopia. — Myocinesioscopia. — Graphismo; seu exame. — Exercicios praticos.
 - IV. — *Gosto e Olfacto*. — Potencia e capacidade de descrição.
 - V. — *Sensibilidade á dor*.
 - VI. — *Atenção*. — Suas leis. — Provas (« mental-tests ») para estudar o grau e a natureza da atenção nos alumnos. — Exercicios.
 - VII. — *Memoria*. — Poder de retentividade; poder de evocação. — Experiencias (« mental-tests ») para estudar a memoria. — Imaginação e suas qualidades.
 - VIII. — *Associação*. — Typos de associação. — *Ideação*. — Experiencias, etc. — Exercicios praticos.

PEDAGOGIA EXPERIMENTAL

Conferencia do sr. Luiz Felipe Gonzalez, lente do Lyceu de Heredia, em Costa Rica, America Central. — Versão de Leopoldo de Freitas.

I

— A pedagogia, como outras muitas sciencias, começou por ser uma arte: *a da Educação*.

Em cada sociedade humana formou-se uma technica inteiramente empirica, da educação da infancia.

Com os progressos da sciencia e da cultura, os defeitos desse empirismo ficaram evidentes.

Os pedagogistas investigaram os fins relacionaes da educação e trataram, de inferir destes, as normas ou regras pedagogicas.

A educação tomou então o character de estudo normal, segundo se vê nos systemas de Platão, Kant, Herbart, Rosenkraz e outros.

Ao mesmo tempo que se desenvolvia a Pedagogia philosophica, alguns educadores como Pestalozzi, Froebel, os philanthropos, etc. realizavam multidão de ensaios e experiencias pedagogicas.

A fecundidade dos seus estudos fez sentir a necessidade de uma Pedagogia verdadeiramente scientifica, isto é, baseada em investigações exactas rigorosamente. Esta aspiração começou a se realizar com os progressos da Psychologia experimental, a Pedologia, ou seja o estudo physico e mental da criança; «A applicação dos methodos experimentaes, a investigação pedagogica, a sciencia da educação se transformou adquirindo precisão, exactidão, principalmente sentido critico e confiança nos resultados obtidos.

Antes de começar a nossa dissertação, lancemos um olhar sobre o desenvolvimento da Pedagogia experimental. — Podemos afirmar que o philosopho de Koenigsberg, Emanuel Kant, foi quem deu os primeiros impulsos á pedagogia baseada na experiencia e na observação.

E' necessario, escreveu Kant — «em primeiro logar, fundar escolas experimentaes, antes da fundação das normas; nem a educação, nem a instrucção devem ser puramente mecanicas; se não basear-se em principios, portanto, não devem de ser uma questão de puro raciocinio...»

Geralmente julga-se que não é necessario fazer experiencias em materia de educação, e que se pode julgar só pela razão se

uma causa será boa ou má; porém isto é errado e a experiencia ensina que nossas tentativas têm produzido, ás vezes, effeitos contrarios, aos que esperavamos — vê-se pois, que por ser necessaria a experiencia, nenhuma geração de homens pôde traçar um plano completo de educação.

Em 1744, o portuguez Jacob Rodrigues Pereira, distincto philologo e philosopho, apresentou á Academia de Sciencias de La Rochelle, um menino surdo-mudo de nascença, a quem ensinou a falar. Mas o impulso maior que a educação dos anormaes recebeu partiu do livro EMILIO, de Rousseau.

Este livro magnifico fez com que Pestalozzi comprasse um terreno para construir uma granja, e emprehender a educação de seu filho como o *Emilio* ideal. O *Diario de um pae*, em que annotou cuidadosamente suas observações durante sete annos — foi o fructo da sua experiencia e a primeira obra de psychologia da criança.

Quando se convenceu, em 1775, de que malograra nos seus propositos — converteu a granja numa especie de officina de trabalhos manuaes, onde as crianças pobres da vizinhança estudassem e pagassem com o producto de seu trabalho o ensino recebido.

Seu conceito e experiencia levaram-no ao asylo de Stanz, em 1787; mais tarde fundou o Instituto de Yverdum, em 1805, que tanta influencia exerceu no desenvolvimento das idéas pedagogicas do seculo dezenove.

Em 1774, Basedow, tambem sob a inspiração do *Emilio*, fundou o «Philanthropium» em Dessau, na Allemanha, e enunciou tres idéas fecundas destinadas a sobreviverem á sua tentativa.

A primeira foi criar jornaes e revistas pedagogicas, para vulgarisação dos meios educativos; dois dos seus discipulos, Wollke e Campe, fundaram as *Palestras Pedagogicas*, que foi o primeiro periodico desse genero que houve na Allemanha.

A literatura pedagogica data, pois, do movimento que Basedow iniciou.

A segunda idéa, fecunda, consistiu na reforma das obras do ensino, fazendo-as elementares e attrahentes, illustrando o seu texto com gravuras.

A terceira idéa foi criar escolas novas em que se pudessem preparar professores isentos da rotina. Muita sympathia e correspondencia tiveram as tentativas de Basedow; os principaes allemães concederam-lhe subvenções para a composição e publicação de um manual elementar illustrado, para o ensino publico, e o duque de Anhalt-Dessau, querendo fundar uma escola na capital do seu Estado, pôz ao seu dispôr um grande edificio.

O margrave de Baden sustentou-o sempre, dava-lhe subsídios e candidatos para o magisterio, porém Basedow não dispunha de espirito bastante pratico para aproveitar destas boas disposições dos seus protectores e amigos.

A pretensão de Basedow, na sua escola, era preparar ao mesmo tempo fidalgos, professores e empregados capazes de contribuirem para a educação das creanças de alta classe.

Daqui, tres categorias de alumnos desiguaes e desigualmente tratados.

Nada fatiga mais aos alumnos, principalmente aos adolescentes, do que esses brinquedos sem espontaneidade, nem variedade real, e nada rebaixa mais o professor do que esse papel de divertidor constante.

A sua escola não prosperou. Aberta em 1774, fechou em 1785; o numero de alumnos dirigidos por Basedow nunca excedeu de vinte e nove; a tentativa, porém, teve exito melhor, quando effectuada pelo seu collaborador Salzmann, que fundou em 1784 em Schnepfethal, no ducado de Saxe-Gotha, uma escola modelo que ainda existe.

Jalm e Freizen, estudaram ambos no Instituto Pestalozziano dirigido por Plaman, em Berlin, e juntos fundaram em 1811 uma *Turnverein* que se converteu, com o tempo, no systema nacional de Gymnastica, da Allemanha.

No Instituto de Nachtingal, em Copenhague, trabalhou o sueco prof. Pedro Henrique Ling, de 1776 a 1837, que combinou as gymnasticas dinamarqueza e allemã.

Esta cultura physica tendeu directamente para crear um conceito melhor ácerca das relações entre o corpo e o espirito e dos effectos do exercicio physico sobre o desenvolvimento intellectual.

Outro experimentalista foi o pastor lutherano Oberlin, de Strasburg, que fez os seus ensaios numa povoação do valle dos Vosges, onde existia uma pequena população de atrazados montanhazes. Começaram as experiencias em 1767 e duraram até a morte de Oberlin em 1826 — dando para resultado uma transformação radical das condições moraes e materiaes da existencia desse povo e um movimento salutar que se communicou á cultura de toda a Alsacia.

Em 1700 as cinco aldeias tinham, ao todo, quarenta habitantes, e em 1828 somente em Waldersbarch havia cinco mil; Oberlin que era lutherano, desejava melhorar a condição material e moral dos seus parochianos e convenceu-se que o meio, para isto, era a educação e o ensino dirigidos com um fim pratico.

Quasi sem recursos, elle creou os órgãos essenciaes da educação popular — a Escola maternal, que preserva a creança,

aperfeiçoa-lhe os sentidos e principia a exercitar a sua intelligencia; a Escola primaria, propriamente dita, que distribue os conhecimentos elementares, relacionando-os sempre com a experiencia da criança, de modo a lhe proporcionar, sufficientemente, consciencia do mundo exterior e da sociedade em que convive; finalmente, os cursos de adultos, que confirmam e desenvolvem os conhecimentos adquiridos, estimulando a vontade de adquirir outros.

Esta experiencia escolar e social prolongada, conduziu Oberlin a praticar o mesmo methodo, que Pestalozzi concebeu, de um modo menos absoluto, discernindo melhor, talvez, as condições de sua applicação.

Assim foi que todas as escolas em Ban de la Roche tiveram museus escolares muito antes de existirem noutros paizes. As experiencias escolares posteriores não se realizaram senão como effecto ás repercussões do movimento iniciado por Pestalozzi e Oberlin.

Depois do ensino primario, veio lentamente o secundario; os interessantes ensaios, feitos de 1870 em deante, na escola Monge, por Godart, e na escola alsaciana, por E. Reider, são manifestamente de inspiração pestalozziana.

Mas, apesar de reformas universitarias surgiram tradições escolares demasiado antigas e que não dissiparam uma certa atmosfera de preconceitos.

Na Inglaterra e na Allemanha as experiencias de Pestalozzi renovaram-se em proveito dos estabelecimentos secundarios, com decisão e methodo, pelo prof. Riddie, em Abbotsholine; Lietz, em Ilseburg; Hambrind, na Saxonia; Zuberbuhler e Frey em Glarisseg, junto do lago de Constança, na Suissa.

A educação experimental veio a receber maior surto com o estudo das crianças anormaes; a cultura physica applicou-se á educação em geral e de um modo essencial áquelles infelizes.

Ensaio, que attrahiu poderosamente a attenção dos pedagogistas, foi o que houve com o pequeno selvagem de Aveyron, uma criança de onze annos, encontrada em abandono nas mattas de Cannes, onde se alimentava de fructos e raizes; levado a Paris, começou a educal-o o dr. Stard, clinico da escola de surdos mudos que se propoz encontrar resposta satisfactoria a duas questões philosophicas. São innatas as idéas como ensina a theoria racionalista, ou são abstrações da experiencia conforme ensina a theoria empirica?

Indagava si as ideas que o menino selvagem adquirisse nasciam do intimo de sua alma ou iam imprimir-se na *tabula rasa* de sua mente.

O dr. Stard principiou o seu trabalho sem entusiasmo, pouco a pouco foi adaptando seus methodos á mentalidade de um idiota, em vez de empregal-os como nalguma criança normal, até que afinal se declarou não ter obtido resultado.

Já o dr. Eduardo Seguin, menos philosopho e mais pratico observou claramente a differença entre os estados mentaes da criança selvagem a principio, e no fim do tratamento pedagogico a que experimentara.

Em 1837 esse medico fundou em Paris uma escola para educar idiotas: primeira neste genero e o exito obtido foi tão compensador que, em 1842, elle recebeu nomeação official para director do Instituto de Bicêtre.

Annos mais tarde veio á America estudar nos Estados Unidos, onde cooperou para a fundação de diversos institutos para a educação dos anormaes.

A educação dos imbecis e idiotas alcançou na Europa, em 1842 — um grande desenvolvimento; foi quando o prof. Guggenbuhl fundou uma colonia de cretinos em Adendberh, nos Alpes, perto de Interlaken.

Ahi, elles, eram submettidos a tratamento baseado no estimulo physiologico por meio de frequentes e variados exercicios. A educação dos anormaes, que constitue uma das maiores conquistas da Pedagogia experimental, tem, actualmente, nos Estados Unidos, os melhores centros que recommendam o trabalho educativo, desse genero.

O que permite julgar que um dos principios do ensino publico é que tem de ser fundamentalmente de character universal, isto é, que procure elevar ao seu mais alto e perfeito gráu de desenvolvimento, a cada uma das unidades da sociedade humana, aptas ou inaptas na medida que as circumstancias permittam, fazendo-as capazes de participar ao mesmo tempo do trabalho e do gozo da vida.

Consequentes com este principio acham-se as escolas para crianças anemicas, para tuberculosos, para invalidos, para cegos e surdos-mudos, para os atypicos, para os de pronuncia e fala defeituosa, emfim, para todos que necessitam dum tratamento especial, em logares apropriados: Escolas que constituem os melhores centros de experimentação no vasto campo da Pedagogia.

II

A pedagogia experimental veio, portanto, substituir a pedagogia empirica, Pedagogia sem investigação e sem observação.

Os methodos de investigação da pedagogia antiga eram excessivamente deficientes; consistiam numa observação desme-

thodica da criança, completada pelas recordações que o professor guardava da sua propria infancia e pelos parquissimos conhecimentos da Psychologia geral; tambem se realizam ensaios ou provas de methodos didacticos, sem se lhes dar o character de methodos scientificos.

A nova pedagogia, ou experimental, completa e aprofunda os methodos antigos com observações detalhadas, estatisticas e experiencias.

Consiste a observação scientifica numa serie de percepções attentamente procedidas, methodisadas e de conformidade com um plano premeditado.

Suas vantagens são: 1.º Permite consignar os resultados da investigação e repedir esta nas mesmas condições; 2.º Não tem o character vacillante da observação casual; 3.º libertar-se relativamente das opiniões individuaes.

E' preciso recordar que a mente da criança, é essencialmente differente da do adulto, e que para interpretar com acerto o que se passa na consciencia daquelle nos devemos guiar não pelo que conhecemos de nossa vida mental, introspecção, senão pelos nossos conhecimentos da infancia; exemplo, as nossas recordações.

O esquecimento desta regra é causa de multidão de erros pedagogicos.

A observação duma só criança tem exiguo valor para a sciencia da educação.

Só o estudo de um numero sufficientemente grande de educandos, auctoriza fazer conclusões de character geral.

Daqui a necessidade do methodo estatistico, que permite comparar e resumir as observações parciais, dando-lhes o character de uma observação collectiva.

Quando a observação e a estatistica não facultam que se comprehenda o phenomeno estudado, isto é, a conducta da criança, o valor do methodo didactico, etc., necessita-se da experiencia.

No que pertence á Pedagogia — devemos distinguir duas classes de experiencias: a psycho-pedagogia e a pedagogia pura.

A primeira colloca-se ao serviço da educação e trata da investigação de qualquer aspecto da Psychologia infantil que possa ser util á Pedagogia.

A experiencia pedagogica pura é a pratica escolar exacta que permite reduzir a numeros e comparar entre si os resultados obtidos na educação. applica-se geralmente para decidir o valor de um methodo deductivo ou de um meio de ensino, etc.

A experiencia pura é de character eminentemente pratico e profissional.

A psycho-pedagogia é de natureza mixta: em parte attende á psychologia infantil, e em parte guia e prepara a experincia

pedagógica. Se estudamos qual o processo de aprender a leitura, fazemos uma experiência psycho-pedagógica; se comparamos praticamente com uma série de exercícios escolares o valor dos métodos analytic e synthetic para o ensino, fazemos uma experiência pedagógica.

As experiências que tiverem por objecto o estudo psychologico da criança, independente de toda applicação de caracter pedagogico, recebem o nome de experiências psycho-pedologicas ou de psychologia infantil.

Além dos métodos estatístico e experimental, emprega-se, algumas vezes, na investigação pedagógica, o método de questionarios, que consiste num interrogatorio dirigido aos mestres, aos chefes de familia, etc., com o intuito de obter informações de um grande numero de pessoas sobre casos de Pedologia ou de educação.

Este processo apresenta graves inconvenientes, porem as vezes tem valor, sobretudo quando se junto ao experimental — formando assim um método mixto das commissões de trabalho.

As pessoas, em geral professores, que tiverem de responder ao questionario, costumam preparar-se por meio do auxilio de algum psychologo experimentado.

O espirito investigador do homem moderno, instigado por desenganos dolorosos, quiz escrupulosamente deslindar os campos da especulação pura e pela experiencia applicou métodos exactos ao estudo dos factos positivos e á resolução dos problemas da vida real.

A esta curiosidade scientifica, a esta preocupação pelas observações exactas e os métodos seguros, devem-se os notaveis progressos de quarenta annos para cá na Psychologia experimental, na Pedologia e na Hygiene escolar, isto é, as tres disciplinas que deram á Pedagogia a base scientifica em que repousa actualmente.

A primeira dellas, a Psychologia experimental, foi fundada em meio do seculo dezenove pelo genio de Fechner e aperfeiçoada em 1879 no laboratorio do sabio Wundt.

Desde então desenvolveu-se com vigor graças á fundação dos laboratorios de Psychologia nas Universidades mais acreditadas da Europa e dos Estados Unidos.

A segunda destas disciplinas, a Pedagogia, ou seja o estudo da criança em seu duplo aspecto physico e mental — deve seu nome a um momento de inspiração de Oscar Chrisman, em 1893, e ás investigações de Dreyr, Bernardo Pérez, James Sully, Stanley Hall, Schuyten, Meumann, Stern e outros psychologos e professores laboriosos.

Quanto á terceira, a Hygiene escolar, tem sido um corollario forçoso e natural dos progressos da hygiene publica.

Os illustrados observadores Pettakofer, Javal, G. Burgers-tein, Cohn, Baginski, etc. escreveram os primeiros capitulos sobre as necessidades da escola e do ensino; continuaram, nos ultimos annos do seculo dezenove; do certo continuará na vigente centuria o trabalho daquelles precursores.

As tres disciplinas: Psychologia experimental, Pedologia e Hygiene escolar — têm dado á Pedagogia um fundamento estavel e solido, porém, na realidade, a Pedagogia, como sciencia exacta e experimental, não nasceu ainda, até que graças ao desenvolvimento da technica psychologica a educação consiga formar os seus proprios métodos de estudo e investigação.

As universidades contribuíram poderosamente para estes resultados com a fundação de Escolas de Pedagogia; secções de educação, seminarios pedagogicos e mais institutos superiores destinados a expandir elevada cultura scientifica acerca da educação e das suas disciplinas auxiliares.

Porém, outras instituições existem que, em grau não menor que as escolas de pedagogia, têm feito da educação um estudo exacto e experimental.

Taes são as escolas experimentaes, os laboratorios de pedagogia, as clinicas psychologicas. Os laboratorios são instituições muito recentes; o primeiro delles abriu-se sob a direcção do dr. Cloristofor, na cidade de Chicago em 1899, e um anno depois fundou-se o laboratorio de Petersburgo, em 1901 — fundado pelo dr. Nechajeff; o de Buda Pesth, em 1902, criação do dr. Ranchsburg; em 1905 os de Milão e Pariz, dirigidos pelos drs. Pizzoli e Vaney respectivamente.

Os mais importantes e providos são as Universidades de Clark e Columbia, nos Estados Unidos; são raras as cidades americanas e europeas que não tenham institutos desta natureza.

Os laboratorios de Pedologia são verdadeiramente institutos consagrados de um modo exclusivo ao estudo scientifico das crianças e dos adolescentes no seu aspecto physico e mental.

São institutos de investigação.

Com os aparelhos proprios e outros meios que se proporcionaram aos laboratorios de Psychologia e a outros que lhe são peculiares, os referidos institutos investigam o desenvolvimento physico e mental das crianças e as correlações que existem entre essa dupla evolução.

Estudam tambem a genesis e o desenvolvimento dos processos mentaes; a sensibilidade, a imaginação, os instinctos, os interesses infantis, as aptidões, as emoções, a vontade etc. Ultimamente os laboratorios de psychologia indagam dos typos e

variedades que a mentalidade infantil apresenta; as correlações entre os seus poderes e funções, e tratam de fixar a technica, a economia das actividades, que interessam o trabalho escolar.

Em resumo isto quer dizer que os laboratorios de Pedologia têm a seu cargo uma triplice função. — Estudam a genesis e o desenvolvimento das actividades e poderes mentaes e physicas da criança e do joven; determinam as variedades e typos da mentalidade infantil, e realisam experiencias de caracter psychopedagogico, afim de averiguar como reage a criança em presença de um assumpto que ha de aprender ou de uma habilidade que deve adquirir.

Um exemplo, para esclarecer esta triplice divisão: Se se trata de estudar a memoria infantil — teremos em vista tres diferentes caminhos: podemos determinar o apparecimento e o desenvolvimento da actividade mental e então fazemos um estudo de psychologia genetica.

Tambem podemos estudar as variedades de typos da memoria da criança, assumpto que corresponde á psychologia differencial ou individual; por ultimo, nos será possível investigar a maneira mais certa, e economica de memorisar uma serie de palavras, uma passagem de um texto escripto, etc.

Isto se refere á technica e economia do trabalho mental ou, o que é o mesmo, á Psychologia genetica ou infantil, psychologia differencial e psycho-technica — eis o campo de acção dos laboratorios de Psychologia.

Quando já se tiverem realizado estes estudos, quando já conhecemos a evolução da memoria infantil, os seus typos e variedades, e a technica da memorisação — podemos attender á investigação didactica, estudando, na escola experimental, qual é o modo mais seguro e economico de aprender de memoria uma poesia, a taboa de multiplicar, etc.

A pedagogia adquiriu, no presente, um caracter decididamente individual; ainda que nas suas linhas geraes, nos seus designios e importancia — a sciencia da educação é um estudo normal; isto é, uma nova disciplina que examina e discute normas ou regras de conducta humana, a applicação de taes normas tem que se adaptar ás condições e aptidões de cada individuo. Daqui a imperiosa necessidade de conhecer os alumnos afim de applicar a cada um as medidas pedagogicas que o seu typo individual exigir.

Para chegar a este conhecimento, os experimentalistas se servem não só de experiencias rigorosas como dos *tests*, isto é, dos exames rapidos, mentaes e physicos.

Com elles se determinam os poderes, as aptidões e o grau de desenvolvimento de cada educando.

III

De todos os exames ou *tests*, os mais importantes são talvez os que se referem ao desenvolvimento physico e ao estudo dos orgãos sensoriaes.

Para os primeiros se póde fazer uso de aparelhos para medir a estatura e o peso dos pequenos; um compaço, ou *circummetro* para determinar a largura de hombros, o *toracigrapho* do dr. Dufestel que serve para reproduzir uma secção do Thorax.

O *estetometro* de Bauvier, o *circummetro* de Voillez, o de Nielly, o aparelho de Tourmentin e o *estetographo* de Maurel, applicados ao thorax, que transportados em seguida para o papel permitem traçar o seu contorno.

Os *dynamometros* manuaes, que servem para exame da força e resistencia musculares; entre estes, os mais communs são o do dr. Buregg, o de Colin e o de Svedley: existem tambem os aparelhos que servem para medir a capacidade vital ou respiratoria.

Entre estes aparelhos estão os que se empregam para medir a quantidade de ar num movimento respiratorio; os *espirometros* de Hutchinson, Broca, Boudin, Galante, Tissot, dr. Dupan e outros muitos.

Para a medição tambem da capacidade vital, ha o *espirometro* humido; aparelho que consiste essencialmete numa campanula de gazometro, de tamanho reduzido, a qual fluctua sobre um deposito d'agua; um tubo de borracha permite encher de ar a campanula e esta, ao subir, indica por meio de uma agulha, o volume d'ar que nella se contem. Quando se quer medir a capacidade vital de um menino, colloca-se nos seus labios a boquilha em que termina o tubo de borracha, afim de que recolha nos pulmões a maior quantidade possível de ar e que o expilla depois fazendo-o penetrar da campanula.

Voltando aos *dynamometros*, o aparelho empregado nos laboratorios — é o *ergographo* de Mosso, ou os *ergographos* simplificados de Semaren, Dubois e outros inventores.

E' muito commum o material, recommendado por Weichardt, isto é, um par de *Halteres* de dois ou de tres kilogrammos de peso; se faz que o alumno examinado execute em regra um exercicio vigoroso, isto é, colloque os braços cruzados, levante e abaixe os mesmos com o *haltère* em cada mão até que se ache completamente fatigado.

O numero de movimentos executados com os braços e o tempo em que os fez, serve de indicação para a resistencia muscular; nos exames ou *tests* dos orgãos sensoriaes os laboratorios pedagogicos possuem outros aparelhos:

Placas optometricas de Suellen, para o exame da faculdade visual; o relógio de algibeira e a regua metrica para o exame do ouvido; o sonometro para o estudo do ouvido musical; a caixa de Holmgren para tudo que se refere á visão chromatica: os estesiometros de Webar, de Spearman e de Jaskow para o exame da sensibilidade do tacto; as fixas e lentes de Monayer para a determinação exacta da acuidade visual, os acametros e audiametros para o exame do ouvido; o geosometro para a medição da sensibilidade paladar, o olfactometro para o exame do olfacto; o Rinemometro para medir a sensibilidade muscular; o algesimetro para medir a sensibilidade para a dor; as chaves telegraphicas, o chronoscopio, opletismographo e o esfigmographo.

As placas de Suellen estão preparadas para que uma vista normal possa ler á distancia de seis metros as letras impressas sobre uma pauta vermelha.

Se o examinando é myope não poderá distinguil-as; porém lerá qualquer das linhas impressas em typos maiusculos; neste caso o numero situado á esquerda das letras menores, que se possam distinguir com clareza, exprime o indice do seu poder visual e com elle podem calcular as dessemelhanças das lentes correctoras da sua vista.

Se o alumno é *hipermetrope*, isto é, se tiver vista superior á normal, pode ler algum, ou algumas das linhas situadas abaixo da linha vermelha. O numero impresso abaixo das letras menores que elle possa distinguir com clareza exprimiria tambem o indice do seu poder visual.

A visão chromatica estuda-se com os maços de fios coloridos de Holmgreen.

Colloca-se deante da creança o feixe de fios dispostos ao acaso, ensinando-se successivamente a conhecer tres typos, um de cor verde clara, outro cor de rosa e outro encarnado; pede-se-lhe que separe do feixe dos fios os de cores parecidas.

Se a creança comette erros graves, por exemplo, se confunde os fios verdes com os roseos, é prova de que padece de cegueira total ou parcial para distinguir cores.

A acuidade auditiva mede-se pelo processo seguinte: O meio mais effcaz é o de falar á creança em voz natural. Não é commum existir duas vozes de intensidade igual, alem disto a voz seria conforme a idade, o estado de saude, de animo, a fadiga corporal, etc.

Alguma cousa que podia ser mais segura, era o modo de falar em que as consoantes soem fortes e as vogaes debilmente, porem ainda melhor é o processo recommendado por Binet; o da regra metrica e o relógio de algibeira.

O alumno colloca-se junto da meza, com um dos ouvidos cobertos por uma tira de borracha, ou por uma bola de algodão, e se aproxima do seu ouvido descoberto a extremidade d'uma regua dividida em centimetros. Assim preparada a experiencia, colloca-se o relógio em diferentes distancias do ouvido até determinar o limite maximo da audição. Esta distancia que, para as pessoas normaes, é, aproximadamente, de 1 a 2 metros, representa o indice da acuidade auditiva.

Para a sensibilidade tactil nos servimos do extesiometro de Werber, aperfeiçoado por Jashow e Angell.

Consisto num compaço de pontas de madeira que possam, aproximar ou afastar, por meio de uma rosca micrometrica; toca-se com ambas as pontas a pelle do alumno, num lugar determinado, por exemplo, no dorso da mão direita.

O alumno deverá dizer se sente as duas pontas ou uma só; continua-se tocando a sua pelle, com diferentes graduações do compaço, até encontrar aquella distancia das pontas em que se sintam uma em 50 % dos casos e as duas n'outros 50 %, a referida reparação expressa em millimetros representa a sensibilidade tactil e como se diz em termos technicos o *umbral* da mesma sensibilidade.

Existem processos na Pedagogia experimental que se applicam ao estudo da attenção, da intelligencia, do cansaço mental e ao poder de observação; os que permitem apreciar a amplitude e a concentração se conseguem com o auxilio do Taquistocopio.

Este aparelho de Wundt e de Cattell consiste numa cortina ou tela de madeira, que corra á vontade do experimentador, e na sua queda descubra uma janella quadrangular, atraz da qual se exhibe um cartão com letras, pontos, palavras, etc., impressos ou manuscritos, e, em seguida, torna-se a occulta do alumno. A amplitude da attenção mede-se pelo numero de pontos que o alumno possa perceber numa infima fracção de tempo; num decimo ou centesimo de segundo.

Para medir a concentração da attenção se utilizam diferentes methodos, entre estes o das provas da imprensa, o das variações médias, etc. Procede-se com o das variações empregando uma recta preta, de um decimetro de largura, traçada numa folha de cartão branco, e outra recta, de tamanho duplo, traçada no reverso de uma regoa milimetrica.

E, para medir com este material a concentração da attenção da creança, esta collocar-se-á na distancia de 75 centimetros da folha de cartão; colloca-se em sua mão a regoa envolta em papel e pede-se que tire do envoltorio uma porção da recta que pareça exactamente igual á do cartão. Fazem-se doze observações, calcula-se a média, tira-se esta ultima de cada uma das observações e calcula-se o meio dos alcances.

Este meio chama-se, em psychologia, variação média, re-presenta o indice da concentração da attenção.

Para a medição da intelligencia, usa-se a escala metrica de Binet, a de 1911; consiste numa successão de provas de caracter pratico, cinco para cada idade, adaptadas ao desenvolvimento intellectual de cada idade, desde os tres até os quinze annos.

Se uma criança responde a todas as provas proprias de sua idade é considerada de intelligencia normal. Se resolve cinco ou mais correspondentes á idade superior, terá a intelligencia propria de uma criança de um anno mais, e de cada cinco difficuldades que resolva bem, das que correspondem ás crianças maiores, augmenta-se um anno em sua idade mental.

Se o examinando não resolve todas as provas da sua idade porem sim as de outra idade psychologica menor, terá a intelligencia propria da ultima e, por cinco provas mais resolvidas, se augmenta do mesmo modo um anno a sua idade psychologica.

O processo parece muito simples, porém na pratica exige, do experimentador, uma grande habilidade.

A medição da fadiga pode-se fazer por varios methodos physiologicos ou psychologicos; entre os primeiros é talvez preferivel o dynamometro de que já tratamos; e entre os segundos empregam-se o das provas d'imprensa, das variações médias, o do calculo, etc

Para medir o poder de observação ou percepção nos utilizamos de tres methodos: um, é o da percepção rapida; o da descripção e informação; e o terceiro, o testemunho de suggestão.

O primeiro, que é o mais facil dos tres, pode-se usar com um material muito simples; tres affixos, em cada um dos quaes se collocam dous objectos visuaes.

Pede-se á criança que olhe com attenção durante cinco segundos os objectos exhibidos, e que depois escreva durante dois minutos os nomes dos mesmos objectos que possa recordar.

O numero dos objectos mencionados serve de indice ao poder de observação. São, os *kinographos*, aparelhos de registro, os chronoscopios e chronometros para medir pequenas fracções de segundo.

Existem outros aparelhos para o estudo da memoria e das associações, e outros que servem para o estudo das emoções, assim como para medir os tempos de reacção.

Além destes, existem muitos outros que se empregam nos laboratorios de Pedologia. As clinicas psychologicas são institutos dedicados aos exames das crianças excepcionaes, afim de investigar as causas de suas deficiencias e indicar os meios therapeuticos que sejam necessarios.

As crianças imbecis, atrasadas, os enfermos mentalmente e moralmente, necessitam de especiaes cuidados pedagogicos e medicinaes.

A escola do typo commum não lhes pode dar estes cuidados, e assim ficam perdidos para a sociedade, e vivem condemnados a soffrer miseria physica e moral milhares de infelizes que podiam ser uteis a si mesmo e aos seus semelhantes.

Para remediar, este inconveniente organisaram-se as clinicas psychologicas e as escolas para os organismos de anormaes.

A primeira clinica psychologica foi estabelecida em 1896 pelo dr. Lightener Witmer no departamento de Psychologia, da Universidade de Pensylvania; presentemente são numerosas no mundo, algumas como as de Vineland, no Estado de New Jersey, de Lancoln e Illinnois, com toda nomeada e merecimento.

A historia da fundação da clinica psychologica da Universidade de Pensilvana é muito original.

Em 1896 uma inspectora escolar de Philadelphia, encontrou n'uma escola um pequeno já conhecido pela sua incapacidade para aprender.

Mas, um estudante de psychologia da Universidade, levou a criança á presença do lente dr. Lightener Witmer, que se propoz a estudar a causa d'aquella incapacidade e o tratamento apropriado para eliminá-la; elle descobriu logo que o pequeno via duplamente os objectos; bons oculos corrigiram este defeito e lhe permittiram receber, com proveito, um ensino especial em que revelou apreciaveis dotes.

O dr. Witmer passou a observar outros casos e recebeu, para tratar, numerosas crianças anormaes, na sua clinica psychologica.

A experiencia obtida permittiu-lhe organizar um programma de trabalhos praticos de psychologia, cujos caracteristicos principaes eram os seguintes:

1.º Investigação dos phenomenos do desenvolvimento mental nas crianças de idade escolar, por meio dos methodos clinicos e estatisticos, tomando-se por base os symptomas de atrazo mental e moral.

2.º Estabelecimento de clinicas psychologicas, com escolas praticas annexas, systema dos hospitaes escolares para o tratamento de toda classe de crianças atrasadas, que soffram defeitos physicos e que incapacitem para o trabalho da escola.

3.º Facilidade do estudo experimental para medicos e mestres na educação de crianças anormaes.

4.º Preparação dos estudantes para a profissão de perito pedagogico — destinada ao tratamento de crianças anormaes.

O departamento de psychologia da Universidade de Pen-

sylwania começou a pratica deste programma em 1897, tendo inaugurado um curso especial completado pela clinica psychologica que, desde então, passou a funcionar com regularidade.

Os educadores americanos que papel desempenharam ! e que papel desempenha esta clinica no progresso pedagogico dos Estados Unidos ! nesta clinica se procede a uma analyse mental em cada alumno, aprecia-se a sua idiosyncrasia intellectual, estuda-se com todo cuidado a capacidade da sua mente e demonstra-se até onde chega a sua intelligencia e o que se póde esperar della !

Para que a sua Psychologia realise quanto a clinica o seu trabalho eficiente é necessaria dotal-a de profissionaes idoneos e que mostrem toda competencia scientifica.

A direcção deve de ser entregue a um psychologo e não a um medico, posto que as causas do atrazo intellectual são na maioria das vezes anatomicas ou physiologicas, que em compensação se externam em symptomas mentaes ou moraes que pela primeira vez se manifestam na escola ; ainda que as causas phisicas do atrazo se possam fazer desaparecer com o auxilio da cirurgia, a tarefa de recuperar o terreno perdido fica ac cargo dos processos pedagogicos que só o psychologo e o mestre experimentado empregarão com exito.

Por outra parte a maioria dos medicos não tem procedido a estudos especiaes de Pedologia, pois apenas uma ou outra Faculdade de medicina incluiu nos seus programmas o estudo da Psychiatria.

Mas não é bastante que o director da clinica seja um psychologo ; é preciso que tenha sido bem preparado, que tenha experiencia e aptidão para o cargo.

Um falso diagnostico pode ter consequencias graves ; quando um mestre, por falta de aptidão para exercer a sua profissão, se acha em aula defronte de alguma criança que não possa dominar ou á qual seja incapaz de dar educação, declara-o anormal, decisão esta que importa na morte civil para a vida escolar da criança.

O director da clinica é quem deve confirmar a opinião do mestre, para enviar a criança ás classes de observação ou reenvial-a á escola.

O medico é um elemento indispensavel para a clinica que não poderá funcionar com exito sem o seu concurso.

A importancia dos defeitos phisicos, emquanto se relacionam com as anomalias da mente, reclama a assistencia medica uma vez que o primeiro requisito para determinar o grau da intelligencia de uma criança é eliminar toda obstrução phisica de suas impressões sensoriaes.

Por exemplo — a surdez isola a criança do mundo das sensações auditivas, cuja consequencia são defeitos, não só na linguagem como na redução de seu horizonte emocional. Se o professor não tiver percebido o defeito, a criança passa para a categoria dos atrasados.

Assim, têm sido qualificadas muitas vezes crianças que, por defeitos de vista, por padecerem de rachitismo, dentição imperfeita, germen de tuberculose, etc. não podem acompanhar nem satisfazer ás exigencias dos trabalhos escolares.

Por outra parte, uma classificação intellectual não é completa se não tiver por principio um exame physico, excepto nos casos de imbecilidade completa.

Outras vezes as deficiencias mentaes têm por motivo os defeitos phisicos que unicamente os medicos podem curar ; então é desnecessaria a intervenção do psychologo.

Constitue tambem um auxiliar das clinicas psychologicas o que os Inglezes denominaram «cooperador social» ; isto é, a pessoa encarregada de obter informações sufficientes acerca da criança, das suas influencias hereditarias, e do meio ambiente em que se desenvolveu.

A natureza do cargo faz com que seja uma mulher quem occupe esse cargo, pois é mais facil ao seu sexo desempenhal-o do que a um homem.

A mulher tem mais facilidade de penetrar nos lares, sem que a sua presença desperte suspeita ás familias.

O caracter da pessoa encarregada desta função junto da infancia enferma não deverá ser : muito theoretico, nem abstracto ; muito pratico e nem concreto.

Sua intelligencia precisa de occupar-se com os problemas de estatistica e com os factores sociaes que influem no meio em que se movimentam os clientes dessa especialidade ; é conveniente tambem que o cooperador social tenha noções de psychologia adquiridas n'algum laboratorio, mesmo assim não será bastante que reuna todas as condições desde que lhe falte o tacto necessario para realizar esta missão.

Tratar com o publico é sempre difficil e, ainda mais, para o cooperador social.

O seu trabalho social realiza-se na clinica e fóra da clinica ; devendo auxiliar o medico director em receber e examinar os casos, cuidar dos instrumentos, etc ; enfim será para o psychologo o que a enfermeira é para o medico.

Fóra da clinica incumbe que visite as casas dos alumnos examinados, estude as condições sociaes em que aquelles vivem e a influencia que essas condições podem ter sobre o seu estado intellectual e moral.

Tratará de persuadir aos paes de que a inspecção da clinica se fez para o bem dos seus filhos e que della não ha de temer.

Alem do psychologo, o medico e o cooperador social necessitam de um registrador, do archivo e da bibliotheca, o qual deve de funcionar na occasião dos exames das pessoas enfermas; pois, as clínicas psychologicas são consideradas o melhor centro para o estudo dos anormaes.

Ellas constituem o progresso mais significativo da pedagogia experimental e que modernamente hade transformar de todo a educação humana.

Eis aqui esboçada, a traços largos, a nova orientação da pedagogia baseada na mais pura experimentação.

Orientação esta que será proveitosa não só para a educação em geral, pois representa em si o typo da educação futura, designada talvez a realizar o sonho da humanidade melhor, porque essa tendencia nos conduzirá tambem para ver com olhos mais pesquisadores aquelles entes que a natureza apresentou no scenario humano sem as condições sufficientes para se proverem a si mesmos na lucta cruenta pela existencia.

E' somente a educação pelo seu progresso, observações, experiencia e outros melhoramentos que supprirão as deficiencias naturaes restituindo aos infelizes o que lhes negou o destino

Assim é que se estabelecerá sobre a terra, desde as aulas da Escola — o dominio da tranquillidade e o imperio sublime do amor com o despertar risonho da intelligencia na humanidade enferma.

Curso de philosophia e psychologia

A philosophia de Bergson

Quinta lição no amphitheatro da Escola Normal

por George Dumas

No momento em que Bergson começou a escrever, por 1889, todos os philosophos estavam de accordo em que o methodo positivo de observação e indução pela causalidade é igualmente applicavel tanto aos phenomenos do espirito como aos phenomenos da materia; e esta concepção da psychologia implicava

necessariamente o mesmo postulado determinista que governa as sciencias da natureza.

Mais ainda; o conhecimento perfeito moidava-se sobre o typo do conhecimento mathematico e repetia-se insistentemente, com Kant, que uma intelligencia sufficientemente esclarecida poderia prevêr os sentimentos, os pensamentos e os actos dos homens com o mesmo rigor com que o astronomico prevê os movimentos dos planetas.

E esta concepção mathematica do saber humano, toda ideal como é, excluia da sciencia a idéa do tempo, ou melhor a noção da duração; a noção de duração não apparece, com effeito, nem na annotação algebrica, nem na annotação geometrica das cousas; qualquer formula assente envolve, em si mesma, todas as consequencias possiveis, embora o nosso espirito se colloque no tempo para as desenvolver, ellas não se contêm nelle.

Falamos, sem duvida, algumas vezes, de tempo, nas applicações da sciencia mathematica, em astronomia por exemplo, mas si reflectirmos cuidadosamente, veremos que se trata de um tempo abstracto, sem relação com a duração; elle designa unicamente correspondencias; mas não *dura*, no sentido restricto do termo; é um meio ideal homogeneo e vazio.

Mas, é apenas por uma analyse insufficiente que o concebemos assim; si aprofundarmos a respectiva noção, veremos necessariamente que esse meio ideal e vazio, onde se inscrevem simultaneidades possiveis, não pode ser mais do que o espaço concebido arbitrariamente sob a fórma de tempo; ou antes, o que nós chamamos tempo na sciencia estatica, é o phantasma do espaço collocado perante a nossa consciencia, mas não o tempo que dura e que passa, o unico verdadeiro e o unico real. O conhecimento scientifico, quando toma a mathematica como ideal, não pode deixar de ser concernente ao espaço.

Bergson fundou a sua philosophia do pensamento e da vida proclamando que todos os schemas precedentes (unidade do methodo scientifico, determinismo, concepção estatica e *intemporal* do saber) justificados no estudo da materia inerte, são radicalmente inapplicaveis ao mundo do pensamento e da vida e a parte critica da sua doutrina é a refutação de todas as applicações daquelle genero que tem sido feitas.

A intelligencia humana, pensa elle, está subordinada, na origem e no fim, á acção; e o que parece constituir, desde a sua apparição sobre a terra, a sua conducta original é a faculdade de construir objectos artificiaes, particularmente instrumentos mechanicos, e de variar e indefinidamente esse fabrico; mas para se estender ao conhecimento especulativo das cousas, donde sahirá a acção, a nossa intelligencia tem necessidade de

pontos de mira de apoio; não se representa claramente, com effeito, sinão o que é descontínuo e inalteravel; procura continuamente os elementos estáveis, desassocia, separa, decompõe, com risco de deixar escapar esse laço espirital e formal de que fala *Mephistopheles*, e que une os elementos.

A nossa razão, dirá Bergson, solidifica tudo o que ella apprehende.

A mesma observação deverá fazer-se relativamente á linguagem que, pelos conceitos e pelas palavras que maneja, tende para a crystallisação, para a substituição de noções fixas, para a realidade viva e mutavel; a linguagem occulta os individuos e a vida.

Estas tendencias da intelligencia e da linguagem não são perigosas quando estudamos a materia e a natureza inorganica porque aqui as noções de estatico, de descontínuo estão perfeitamente no seu lugar e concordam com a nossa concepção *especial* da materia; mas o nosso mal consiste em que, desde a origem do pensamento humano, transportamos essas tendencias para o dominio da alma e da vida; queremos obstinadamente alcançar o descontínuo, o distincto, immovel, num mundo onde tudo é continuo, movel, confuso, e transportamos a nossa concepção *especial* da sciencia para um mundo onde a noção de espaço não tem significação. E' ver como nós estudamos, por exemplo, uma paixão; distinguimos nella um desejo, o amor ou o odio, representações associadas, recordações de favores ou de injurias, emoções de alegrias ou de dôr, conforme o desejo foi ou não satisfeito, e toda a nossa pobre psychologia faz distincções, analyses, fala de associação, de evocação, de elementos intellectuaes, emotivos, affectivos. Esquecemo-nos de que todas as nossas representações são misturadas de desejos, que, em cada desejo, ecôa uma esperança ou um receio, e que a nossa paixão é um conjuncto indivisivel, uma unidade, na multiplicidade que se transforma e se muda, e que de resto, não poderia separar-se do *eu* que nella se exprime. Estudando-a, segundo os methodos da psychologia scientifica, transportamos para esse estudo as noções *especiales* de descontínuo, de juxtaposto, de elementos esteticos; estudamol-a como si ella fosse uma cousa e como se estivesse no espaço. O erro inicial e constante do determinismo psychologico, consiste, pois, em substituir ao que se passa no espirito e a reconstituição artificial que lhe fornece uma philosophia naturalista e objectiva.

Entre nós e o mysterio da vida interior interpõe-se a grande cortina d'uma sciencia inadequada todos os preconceitos inherentes aos symbolos e ás palavras — e a nossa força faz a nossa

fraqueza, por isso que é dos nossos habitos scientificos que provêm todos os véos que nos tapam os olhos.

Tentemos, pois, esquecer por um instante os velhos schemas illusorios da sciencia, para descermos até nós proprios, sem o auxilio das theorias e das palavras, fontes eguaes de mentira... — que alcançaremos? — Nada de numeravel e de descontínuo, mas uma fusão viva e mutavel de estados de consciencia; não falemos mesmo de evocação: isso seria desassociar e matar. E não nos prendamos, tão pouco, a nada de homogeneo, — nada que participe de grandeza, nada que se detenha com o mais ou com o menos, uma fluidez de estados qualitativos que se penetram, eis o *eu* tal como o sentimos; e á medida que descemos por nós mesmos, cada vez mais se apagam esses schemas de immobildade, que são o espaço e o numero.

Mas contentar no-emos nós em alcançar o *eu* vivendo desta especie de intuição de auscultação intima, que não ousaria mesmo chamar com receio de destruir e de matar? De forma alguma. Por esta intuição, é fora de duvida que o proprio *eu* se apega a uma presa directa, mas si todos os conceitos são accusados suspeição, si as proprias palavras são suspeitas, de que processo lançaremos mão? Será preciso, pensa Bergson, que para semear a realidade, para a sanear e a attingir, o psychologo se sirva de metaphoras, que o inspirarão sem o enganarem.

Que se lhe não leve, pois, a mal o uso de metaphoras; é o processo mais seguro para conquistar e conservar a inacessivel.

«Muitas imagens diversas, diz elle, tiradas de categorias muito differentes, podem, pela convergencia das suas acções, dirigir a consciencia para o ponto preciso, onde haja uma certa intuição a alcançar. Escolhendo as imagens, tão dissemelhantes quanto possivel, impede-se que qualquer delias usurpe o lugar da intuição que esteja encarregada de chamar, pois que então ella seria expulsa immediatamente pelas suas rivaes. Fazendo com que exijam tudo do nosso espirito, apesar das suas differenças de aspecto, e a mesma especie de atterção acostuma a consciencia á disposição de espirito que ella deve adoptar para se apresentar sem véos».

E eis a metaphora, de que a sciencia especulativa tão justamente suspeita, restaurada aqui e investida do poder maravilhoso de alcançar o inacessivel.

Talvez se pergunte então em que consiste a differença entre o metaphysico e o artista.

A arte afasta tambem, como a intuição *bergsoniana*, os schemas do util e da razão especulativa; liberta-se numa larga escala, da necessidade moral e da necessidade scientifica; é

livre e tende, pelas suas metaphoras a revelar-nos a natureza, suggerindo-nos a sua visão directa; o poeta, o artista, pela sua intuição esthetica, percebem á sua moda o real e o immediato.

Bergson não contestaria este parentesco de methodo e a analogia profunda entre a metaphysica e a arte; convem, contudo, tomar aqui as palavras nos seus sentidos sérios: dizer que o philosopho é um artista, é dizer que elle tem, como o artista, a intuição do *vivente*, mas indo mais longe do que o artista, porque se não limita ás instituições oriundas da poesia e do sonho; procura, tanto quanto pode, munir-se da sciencia positiva para enriquecer e precisar as suas reconstituições syntheticas e harmoniosas do pensamento e da vida; a intuição philosophica é a intuição esthetica, penetrada, tanto quanto possivel, pela sciencia e pela razão.

E' esse o lado pelo qual Bergson encara a psychologia analytica e a biologia.

Resta ver como este methodo lhe permite collocar e resolver os velhos problemas philosophicos, e chegar não só á realidade da consciencia, mas á totalidade do pensamento e da vida.

PEDAGOGIA PRÁTICA

Como conseguir e conservar a atenção

CAPITULO XI

SUGGESTÕES GERAES A RESPEITO DA ATENÇÃO

(Continuação)

8 — *Mostrae pelas vossas manciaras que consideraes a lição importante.*

Si o professor mostrar interesse decidido em um assumpto, os alumnos naturalmente terão o seu interesse despertado e isto é um grande factor da atenção. Não ha assumpto de estudo em que as investigações dos tempos modernos não estejam abrindo novos thesouros para o estudo do professor. O professor, que traz pensamentos novos para os alumnos, nunca deixa de conseguir atenção. Um factio novo com relação a qualquer assumpto despertará uma acção energica do proprio espirito do professor, e lhe dará poder augmentado de despertar e manter a atenção. Este novo factio formará um nucleo ao redor do qual o pensamento conseguido pelo estudo anterior do assumpto se aggrupará pela lei de associação de ideas, e assim se conseguirá o meio mais seguro e mais logico de recordar uma lição antiga.

9 — *Não se póde conseguir e manter atenção ralhando, ameaçando ou exigindo.* O professor impaciente que ralha, ameaça ou sacode a criança para tornal-a attenta, usualmente impede o alumno de fixar sua atenção. Si a criança for um pouco nervosa, o seu espirito fica apprehensivo de terror. A sequencia da acção intellectual necessaria para relembrar um esforço consciente, torna-se então impossivel. O espirito distrahido póde deixar esse estado por uma acção prompta e animadora por parte do professor, guiando o espirito do alumno na direcção desejada. A attitude do professor precisa ser de sympathia e não de co-

acção. Locke diz: "Sei que o methodo usual de alguns professores é querer conseguir a attenção de seu alumnos e fixar o seu espirito no assumpto, reprehendendo-os. Tal tratamento, porém, produz effeito contrario. Palavras asperas e ameaças enchem o espirito da criança de terror e susto, e não deixam logar para outras impressões. Creio que não ha ninguem que, lendo isto, não se lembre da desordem que causaram em seu espirito as palavras zangadas ou imperiosas dos pais ou dos professores, e como na occasião perturbaram-lhe o cerebro de modo a quasi não saber o que se lhe dizia, deixando-o em estado de não poder prestar attenção».

10 — *O extranho nos attrae a attenção.* — Sons extranhos, caras novas, costumes bizarros, cousas vistas pela primeira vez, sempre despertam o nosso interesse e prendem a nossa attenção. Não prestamos attenção ás cousas com que estamos acostumados. O professor deve procurar dirigir os seus alumnos por uma successão logica de surpresas objectivas e subjectivas. Deve tambem aprender a variar, quanto fôr possível, seus planos para dirigir as lições. O unico limite á lei de attracção para o desconhecido é este factio: cousas ou verdades novas pôdem ser tão extranhas que não tenham relação com qualquer pensamento já existente no espirito, por conseguinte, não pôde tomar conhecimento dellas. O principio fundamental é, que no ensino, procedamos do conhecido para o desconhecido.

11 — *Prestamos attenção ao que se faz repentinamente* — Deixamos de notar aquillo que ocorre gradualmente. Os pais não vêem o crescimento dos filhos tão claramente como os amigos que os vêem só periodicamente. O professor poderá deixar de notar que a sua classe se tem tornado gradualmente barulhenta, mas ouvirá o barulho de uma lousa que cae. O professor, em uma sala mal ventilada, pode não reparar que o ar se tornou impuro, mas um visitante descobre logo o cheiro desagradavel. O professor tambem o teria descoberto si a condição impura se tivesse desenvolvido repentinamente, pelo rompimento do cano de gaz ou do esgotto. Como já ficou dito, uma acção repentina ou assustadora da parte do professor pode ter valor, si a classe, como classe, estiver desattenta. Mas o bom professor raramente precisará empregar esse methodo de conseguir a attenção, e nenhuma classe poderá tornar-se attenta por estremecimento muitas vezes repetido, a não ser que o professor tenha alguma cousa prompta para contentar as exigencias do espirito despertado.

12 — *Os alumnos gostam de fazer cousas que possam fazer bem.* — Nunca se deve esquecer que o objecto ou assumpto atrahente, qualquer que seja a causa de sua attracção, estimula o espirito á attenção receptiva somente. Pode-se dar o mais alto gráo de attenção somente com o despertar o espirito para o tra-

balho a executar. Por maior que seja a attenção que o espirito possa dar, quando recebendo conhecimento de outra pessoa, dará uma attenção mais assidua quando investigando por se, e ainda mais intensa, quando pondo em pratica os conhecimentos, si o pensamento ligado ao trabalho a se fazer fôr bastante familiar para ser empregado automaticamente, sem distrahir a attenção do processo executivo. Os alumnos devem ter gymnastica mental executiva resolvendo rapidamente as regras simples da arithmetica, com o fim de desenvolver o poder de attenção, até o ultimo dia da vida escolar.

13 — *O poder de dar attenção depende alguma cousa da condição physica.* — E' difficil conseguir attenção interessada de uma criança doente ou cançada. De manhã, a criança attende vivamente a tudo que acontece ao redor della, mas, quando cançado, de tarde fica desanimada e indifferente. Attende a cousas mesmo insignificantes, quando está descansada e cheia de vigor, mas quando doente ou fatigada, exige um attractivo forte para despertar. Os professores devem aprender neste factio a organizarem os seus programmas de modo que os seus alumnos estudem de manhã aquelles assumptos que exigem uma attenção mais intensa.

14 — *Quanto mais a esphera de observação fôr limitada, tanto mais definida será a attenção.* — O indio vê os detalhes das cousas ligadas com a sua propria vida, e o seu proprio ambiente, com muita mais exactidão do que o espirito mais culto. O botânico vê distincções na côr, na fórmula, e no tamanho das plantas, que são despercebidas pelo companheiro si não fôr botânico, não por estar exercitado a observar melhor do que o amigo, mas porque o seu alcance de observação é limitado ás plantas. Elle é cego e surdo para as mil cousas que o seu companheiro vê e ouve. Uma longa pratica em dar attenção ao estudo da nossa escolha torna a attenção facil no começo, e instinctiva depois, e a attenção instinctiva é sempre mais intensa e mais productiva do que a attenção governada. Um perito, em qualquer departamento de trabalho, vê sem esforço o que talvez outros não enxerguem absolutamente.

15 — *O raciocinio mais justo é aquelle que é baseado na attenção instinctiva.* — As conclusões da propria criança são verdadeiras e claras dentro do limite de seu poder intellectual.

O detective exercitado, não só vê indicações instinctivamente, mas tira conclusões a respeito de crimes, com muito mais exactidão do que o mais bem exercitado logico. O garoto da rua, porém, pôde instinctivamente enganar o detective, porque a sua esphera de acção é mais limitada, e, portanto, a sua attenção é mais instinctiva.

O *derviche*, na historia do "Camello Perdido", explicou aos donos do camello o facto de como podia descrever o camello sem o nunca ter visto, dizendo: "Diverti-me muito com a vossa surpresa, e confesso que havia algum fundamento para as vossas suspeitas; mas tenho vivido muito tempo e sósinho, e posso achar um largo campo para observação, mesmo no deserto. Eu sabia que tinha cruzado o rasto de um camello que se tinha perdido, porque não vi signaes de pés humanos no mesmo caminho.

"Sabia que o animal era cego de um olho, porque tinha comido o capim de um lado só da estrada, e percebi que era manco de uma perna, pela impressão fraca que aquelle pé produziu na areia; concluí que o animal tinha perdido um dente, porque onde tinha pastado, ficou uma pequena moita no centro da parte comida.

"Quanto áquillo que formava a carga do animal, as formigas me informaram de que de um lado era trigo, e as moscas me informaram de que do outro lado era mel."

As concepções mais definidas resultam da attenção instinctiva; e quanto mais definidas forem as nossas concepções, tanto mais claro será o nosso raciocínio. Quando um homem, por qualquer razão, é levado a dar attenção a um assumpto, durante um longo periodo de tempo, a attenção torna-se por fim instinctiva, e o seu progresso em aprender ou pensar a respeito deste assumpto torna-se correspondentemente rapido.

Gabinete de Anthropologia Pedagogica

— E —

Psychologia Experimental

De accordo com os hodiernos progressos da Pedagogia, todo o verdadeiro professor deve seguir uma orientação educativa scientifica, estudando o estado psychologico do alumno, desde o primeiro dia que comparecer á aula, afim de poder iniciar o seu trabalho com criterio positivo e scientifico, determinar as differenças individuaes da actividade mental em cada phase do seu desenvolvimento, conhecer o patrimonio intellectual assimilado, e fazer com que os successivos educadores possam continuar o iniciado trabalho educativo, estabelecendo o gráu de desenvolvimento mental de cada alumno.

Todos os pedagogistas reconhecem que o estudo amplo da natureza humana é *conditio sine qua non* de todo o bom systema pedagogico e de qualquer efficaz systema educativo.

Mas, como se deve estudar a natureza humana?

Estudal-a philosophicamente, ou por meios indirectos, nos livros, não basta de certo, como não basta ao botanico estudar as plantas nos tractados; como não basta ao agricultor estudar o terreno e as diversas especies de cultivação sómente nos livros. O estudo sobre a natureza humana não pode ser feito somente pelos livros e pelas observações indirectas, mas tambem e, principalmente, de um modo directo sobre as crianças de todo o *Kindergarten* e de toda a escola primaria. Estas observações e estes estudos devem, pois, ser feitos de um modo empirico, casualmente, seguindo a orientação tradicional, mas com uma certa uniformidade de methodo, com unidade de orientação, com criterios scientificos, mediante os — *Gabinetes de Anthropologia pedagogica e Psychologia experimental* —, que se propõem a estudar, dentre outros assumptos:

O exame dos phenomenos volitivos das crianças, que pode ser feito por meio do *Ergographo*, instrumento inventado pelo insigne pedagogista A. Mosso.

E' sabido que um unico motivo pode incitar diversas pessoas a agir ao mesmo tempo, mas que os actos não se desenvolvem em todos os individuos de um modo igual, pois ha os lerdos e os ageis, os fracos e os energicos; os que rapidamente ficam exhaustos de forças e os que podem resistir por longo tempo no proseguimento de um intento qualquer. Pois bem; todas essas variações, que — em grande parte — estão em relação com as condições physiologicas e physicas temporaneas das crianças, podem ser apreciadas e registradas pelo *Ergographo*.

O exame dos phenomenos da motilidade, que, como se sabe, é a transformação de um estado physico do individuo, faz-se por meio do *Miocinesioscopio*, apparelho inventado ultimamente pelo conhecido medico pedagogista Dr. Pizzoli.

Com este instrumento pode-se tambem apreciar a maior ou menor facilidade com que as crianças *associum as imagens visivas ás imagens psycho-motoras*.

*
**

Como lei geral, pode-se dizer que não ha inquietação, embora minima, produzida por uma excitação externa que nos fira por um desejo que se nos manifesta nos vãos da phantasia ou nos phenomenos de reminiscencias, que não produza uma varia-

ção na função de certos órgãos importantes como o coração e os pulmões.

O coração pode acelerar as suas contracções, ou os seus movimentos podem tornar-se mais profundos ou mais superficiais, assim como também pôde alterar-se o rythmo da respiração.

Estas variações, embora pequenas, podem ser transcriptas sobre um papel (quimicamente preparado) por meio dosapparelhos denominados *Cardiographo*, *Pneumographo*, e *Pletismographo*. Este ultimo instrumento foi recentemente modificado pelo *Guanto* (luva) do Dr. Patrizi.

Para o exame do indice da *dolorabilidade* individual das crianças, existe hoje um instrumento muito simples e completamente innocuo chamado *Novo Algesimetro*.

O *Neurodynamographo Patrizi* serve para medir e registar a energia nervosa antes e depois de uma lição oral (prelecção etc.)

*

**

Para o exame de certas funções psychicas tambem servem admiravelmente os conhecidos *mental tests*, como tive ensejo de verificar em março do anno passado no meu pequeno gabinete de anthropologia pedagogica e psychologia experimental. Pelos *mental tests* pode-se examinar a *memoria* das crianças e verificar si ella é momentanea ou retentiva, clara ou confusa, tardia ou prompta.

O exame do *olphato* faz-se com um instrumento chamado *Osmoscopio*, que é constituído de oito pequenos tubos de vidros contendo cada um delles um perfume differente. Isto, é para se conhecer a percepção generica dos odores.

Para a percepção da diversa intensidade dos cheiros emprega-se o *Osmometro*.

As sensações acusticas, juntamente com as visivas, formam a categoria mais elevada das impressões sensitivas, pois que quasi toda a vida intellectual do homem depende dos ouvidos e dos olhos.

A pedologia exige tres exames da sensibilidade acustica.

1.º — Verificar si na criança ha algum defeito no funcionamento e si a viveza da sensação é boa ou má, média ou normal.

2.º — Qual é o poder de discriminação dos sons

3.º — Como a criança sabe localizar os sons no espaço.

O primeiro destes exames é de grande importancia pedagogica, pois que é por elle que se deve estabelecer a collocação das crianças na aula. Este exame faz-se pelo *martello de Poli-*

tzer, que produz um ruido quasi da mesma intensidade todas as vezes que com elle se fere a columninha metallica. Um outro instrumento mais aperfeiçoado para se proceder a esse exame é o *assobio de Galton* que funciona mediante uma pera de borracha, (sendo o som graduado por um parafuso) e que temporariamente marca a intensidade desse som sobre um quadrante.

Collocada a criança, com os olhos vendados, a distancia de dez metros, faz-se funcionar o assobio no primeiro gráu. Si a criança percebe este som, tem ouvido normal. Si o não percebe, o examinador vae-se aproximando do examinando, de meio em meio metro, ou então augmenta o gráu de intensidade.

A discriminação dos sons faz-se pelo *sistro*, instrumento muito commum.

Para a localização dos sons emprega-se o mesmo assobio de Galton, em combinação com um aparelho inventado pelo já citado Dr. Pizzoli.

O exame da vista pode-se fazer pelas *taboas de Snellen* ou pelas *taboas de Wecker*.

O methodo mais rapido, porém, é o do notavel pedagogista Cöhn, pois eu não empreguei mais de dois minutos para cada alumno.

Para se verificar si na criança ha cegueira para todas as cores (*achromatopsia*) ou por algumas (*dischromatopsia*) ou si confunde uma com outra (daltonismo) emprega-se o *Quadro de Hugo Magnus*.

Entrega-se ao examinando uma taboinha, um disco de uma certa cor, e em seguida manda-se a criança mostrar a cor correspondente no referido quadro de Magnus.

A vontade, disse alguém, para manobrar a atenção e o raciocinio, que estão a seu serviço, deve naturalmente appellar para os *centro psycho-motores* e *psycho-sensoriaes*. Quanto mais estes são numerosos e activos tanto mais a intelligencia se acha avantajada.

Segundo o profssor hollandez Biervliet, os dois centros que melhor favorecem o trabalho mental são o que está situado na superficie do lobulo occipital (centro visual) e o que tem por sede a parte posterior da segunda e terceira circumvoluções temporaes (centro auditivo).

Em outros termos: - a vista e o ouvido é que fornecem mais alimentos ás faculdades intellectuaes, cujo gráu se pode, hoje, medir pela *Escala Metrica da Intelligencia* de Alfredo Binet e Simon.

*

**

A utilidade dos instrumentos e *mental tests* que acabo de mencionar é tão grande, tão evidente, que salta aos olhos até mesmo dos profanos ao magisterio.

Pelos apparatus destinados aos exames anthropologicos, poderemos, logo que a creança começar a frequentar a escola, facilmente verificar si os orgams dos sentidos funcçionam normalmente. E' este um exame de que se não pode prescindir, pois que todos os esforços do educador tendentes á educação dos sentidos, tornar-se-iam infructiferos e até mesmo prejudiciaes á saude da creança, desde que o funcionamento dos orgams não seja normal. Neste caso, o mestre chamará a atenção dos respectivos paes, os quaes poderão, em tempo, confiar os filhos aos cuidados de um medico.

As pesquisas de illustres medicos pedagogistas dão como causa principal da myopia, a frequencia à escola. Esta ametropia, rara no começo da escola, vae augmentando nos alumnos predispostos, de classe para classe, sendo a myopia mais frequente nas creanças da cidade que nas do campo, mais entre as mulheros que entre os homens.

Não se creia que a myopia seja um defeito funcional dos olhos de pouco valor, de modo que as suas consequencias se limitem ao incommodo somente de usar de oculos para distinguir os objectos distantes, não; mas podem crear condições organicas anormaes do estado dos olhos, condições que podem acarretar o enfraquecimento definitivo do polo posterior dô bulbo ocular, e até a perda completa da vista.

Para evitar estes grandes perigos é necessario, indispensavel, que o professor conheça a agudeza visiva dos alumnos, devendo collocar os de vista curta nos logares mais illuminados da sala e mais proximos dos mappas, das pedras, etc., de maneira que não sejam obrigados a fazer esforços da vista para enxergar.

E' por meio de todos estes exames de anthropologia pedagogica, diz o insigne *Binet*, que se consegue saber em cada caso individual se o desenvolvimento da creança se faz normalmente ou se é muito rapido ou si está atrasado. E' estudando as as diferentes medidas deste desenvolvimento physico que se pode exactamente determinar o genero e a quantidade de estudos intellectuaes e de exercicios physicos que é preciso aconselhar. E' evidente que se uma creança manifesta, num certo momento, signaes de indisciplina ou se não adeanta na aula e que o seu desenvolvimento physico do periodo correspondente apresenta uma notavel acceleração, não ha razão para alarme com o afrouxamento do trabalho intellectual; pelo contrario, sempre que a diminuição do adiantamento escolar coincidir com uma perda de

força physica ou uma ausencia de desenvolvimento normal, é preciso vigiar de perto a creança e investigar si houve ou não uma causa qualquer de enfraquecimento.

Presentemente a FOLHA BIOGRAPHICA poderá constar, além da idade, do

Exame

Da vista, audição, força muscular, estatura, circumferencia thoraxica peso, memoria e grau de atenção.

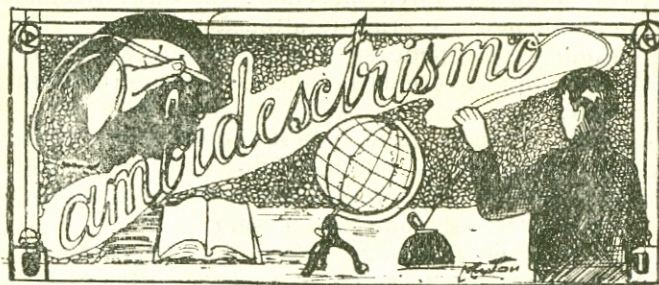
Este último exame pode ser feito por um expediente muito simples: mandar que a creança cancele uma certa letra de um papel impresso.

Mais tarde, quando todo o nosso intelligente e esforçado professorado estiver mais familiarizado com estes estudos de *Pedologia*, e possuir os apparatus necessarios, a *Folha Biographica* será mais extensa, completa mesmo.

E, assim, quando o alumno passar de uma classe ou escola para outra, apresentará a respectiva *Folha Biographica*, pela qual o novo professor poderá facilmente continuar o trabalho educativo, estabelecendo, como já disse no começo deste artigo, o grau de desenvolvimento mental de cada escolar.

A escola, escreveu *TOLSTOI*, não deve ser sómente instrumento de instrução, mas tambem um lugar de experiencias sobre as creanças: só quando a escola seguir este rumo; só quando cada escola se tornar um laboratorio pedagogico, só então a escola poderá seguir o progresso geral e dar material e base á *Sciencia da Educação*.

CLEMENTE QUAGLIO.



Utilizemo-nos das nossas duas mãos!

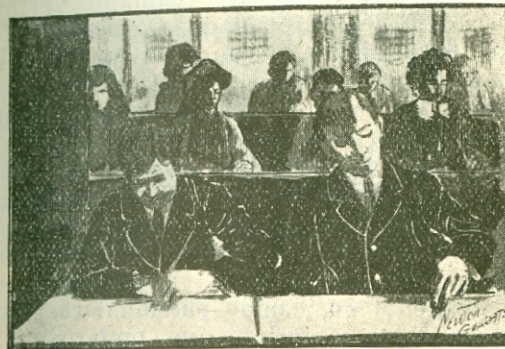
Porque tantas creanças, que entram para escola, della saem deformadas, com a vista estragada? Deve-se a causa desse grande mal, por uma parte, ao systema de letra ingleza, que força os alumnos a tomarem uma posição curvada e obliqua. Quanto seria desejavel voltar á antiga escripta franceza, á escripta vertical, que não apresenta nenhum desses inconvenientes, e que offerece a vantagem de tornar aptos a se servirem da mão esquerda, como da mão direita, os que a praticam.

Aconteceu-vos penetrardes numa classe de creanças, á hora da «pagina de escripta» ou do dictado?

Olhae os alumnos dispostos a «se applicar». Todos estão sentados de través, o dorso curvado, o hombro direito mais elevado que o outro, e o busto inclinado bastante do lado esquerdo; quanto á cabeça, esta segue o movimento do tronco e se abaixa tambem para a esquerda; os olhos, affastados do caderno apenas alguns centimetros.

Nota: — Attendendo ao assumpto ped. escr. vertical, entre nós.

Que essa attitude seja nociva á saúde da creança, não é preciso sejamos aguias para concluirmos. A inclinação para a esquerda, do busto, traz depressa a aberração da columna vertebral, tão fragil na tenra idade. Por outro lado, vindo a parte



esquerda do thorax apoiar-se sobre a extremidade das mesas, as costellas ficam comprimidas, e o bom funcionamento dos pulmões prejudicado. Finalmente, accomodam-se os olhos do alumno, pouco a pouco, a uma visão demasiado

curta: é a myopia com curta demora. A saúde dos nossos filhos fica comprometida.

De facto, na França, desvio da columna vertebral e myopia são, por assim dizer, geraes entre os alumnos. O doutor Dujardin-Baumetz constatou que, em uma escola normal feminina, sobre 20 alumnos, 17 apresentavam desvio da columna vertebral; em uma outra, a proporção era de 19 sobre 20; e, em uma terceira, observou-se essa deformidade entre todas as alumnas.

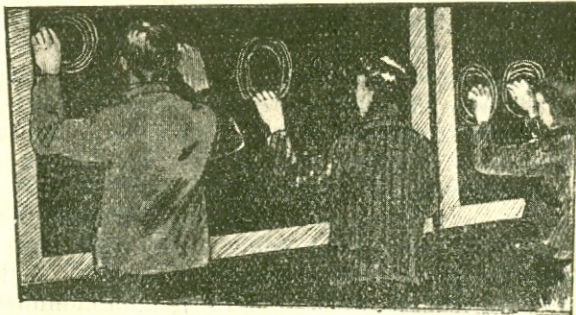
Quem é, pois, responsavel por esse estado de cousas? E' inutil ir-se muito longe para se encontrar o culpado; ahi está a escripta ingleza, inclinada. Posição de través, em z, e escripta inclinada são, mais ou menos, inseparaveis uma da outra. Como, pois, remediar o mal? O meio é muito simples. Basta adoptar-se a escripta vertical que, ha muitos annos, reclamam os pedagogos e os hygienistas. Com a letra vertical, assim chamada, porque os seus «cheios» em lugar de serem inclinados, são verticaes, tudo muda. Não ha mais necessidade de deslocarem as pobres creanças o corpo. «Quando a creança escreve «vertical», dizia, em 1907, uma commissão de medicos e universitarios presidida pelo professor Landouzi, o peso do corpo é supportado igualmente dos dois lados; os braços e as pernas occupam uma posição symetrica; os olhos, por si, collocam-se em uma linha parallela, á boa distancia do papel. O thorax póde desenvolver-se; o crescimento se faz normalmente.»

De resto, a escripta vertical é a que se emprega instinctivamente quando se toma para escrever uma posição correcta. «Assentei normalmente um menino á mesa, diz o Dr. Philippe Tissié, o busto vertical, os braços affastados, o tronco repouzando physiologicamente sobre os dois ischions. Colloquei-lhe deante uma folha de papel, o eixo direito, cahindo verticalmente sobre o eixo horizontal da extremidade da mesa. Tive assim a folha e o busto perpendiculares ou verticaes. Colloquei uma caneta na mão direita da creança e disse-lhe que escrevesse. Facto interessante a se notar, sua letra endireitou-se logo automaticamente, tornou-se vertical pelo facto mesmo de ter fixado a columna vertebral na vertical, collocada a folha vertical e affastados os braços. Tudo isso sem lhe impor nenhum systema de escripta. Chegava, pois, á escripta vertical sem a ter procurado, e sem ter tomado partido algum de minha parte. Tinha collocado a creança em uma attitude physiologica que permittia maior desenvolvimento do campo pulmonal respiratorio, deixando-a livre de escolher a escripta que preferisse, inclinada ou vertical. Por experiencia me fez constatar que só a escripta vertical era possivel nessa attitude physiologica vertical.

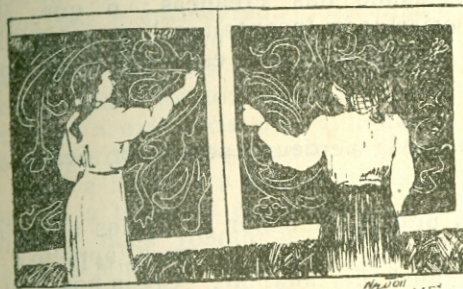
Accrescentemos que a escripta vertical permite aos principiantes chegarem mais depressa a escrever correntemente. «Isento do estudo indeterminado da inclinação, escreve Mr. Philippon, inspector primario, o ensino da escripta vertical agrada á creança, que se assegura, desde a primeira lição, terem os caractéres verticaes, que traça pesadamente ainda, alguma semelhança com as letras do mestre.

E, sem duvida, por essa razão o que se constata que com a escripta vertical chegam os alumnos, muito mais depressa, a escrever correntemente que com a escripta inclinada.

E, finalmente, é util notar que um grande numero de alumnos, educados com a escripta inclinada, jámais chegam a observar uma inclinação uniforme. Constata-se, ao contrario, que a quasi totalidade dos alumnos chegam, em um tempo relativa-



mente curto, a praticar a escripta vertical de uma maneira satisfactoria. Um ganho consideravel de tempo, eis o grande beneficio pedagogico que a escola tira do emprego da escripta vertical.»

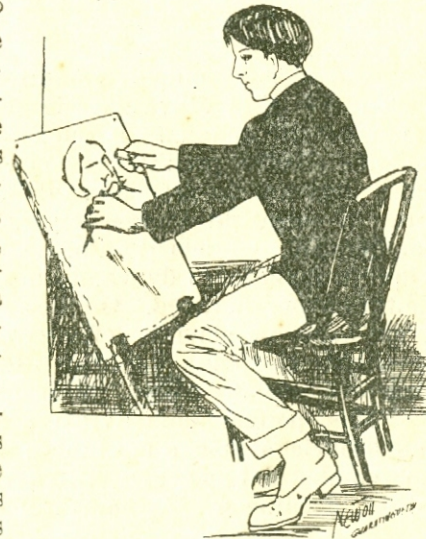


Os meritos da escripta vertical são de tal maneira inegaveis, que a maior parte dos paizes estrangeiros a ensinam nas suas escolas, como a Inglaterra, que ha muito abandonou a chamada «ingleza»; a America, a Alemanha e até o Japão.

Afim de tornal-a popular, foi fundada uma liga em Paris, em 1906.

Patronada por homens como o prof. Landouzi, da Academia de Sciencias e da Academia de Medicina, M. E. Lavissee, da Academia franceza e M. Ferdinand Buisson, a *Liga gratuita para a escripta vertical*, que conta, entre os seus adherentes, inspectores da academia, provisores, professores de linguas e de collegios, inspectores primarios, grande numero de preceptores, entrega-se a uma activa propaganda.

Demais, é preciso notar-se que a escripta vertical não é outra senão a antiga escripta franceza, permanecida em uso, até quasi o fim do XVII seculo? Basta visitar a collecção de autographos exposta na Bibliotheca Nacional para nos convenceremos do que acabamos de expôr. Vem-se-lhe assignaturas de Luiz XIII, em escripta francamente vertical. Eguamente, escriptos de Pascal, Boileau, Racine e Mme. Sevigné mostram brillantemente que a maior parte dos autores da época classica empregavam, quasi todos, a escripta vertical. A escripta de Saint-Simon, embora o celebre autor trace as suas linhas muito mal, pôde tambem collocar-se entre as verticaes. Napoleão, nos seus



annos de mocidade, pelo menos, escrevia «vertical» e igualmente muitos grandes escriptores e sabios da nossa época, como George Sand, Pasteur, Brunetiere e M Anatole France.

Finalmente, não sómente a escripta vertical exerce a mais bemfazeja influencia sobre a saúde das creanças; o que lhe acaba de conferir uma superioridade incontestavel, é poder ella, com rigor, ser traçada tão bem com a mão esquerda como com a mão direita.

Como a nossa mão esquerda perdeu o seu valor activo

E' um facto que, para praticar a maior parte dos actos da nossa vida, é sempre á mão direita que fazemos appello; á outra não cabe senão um papel de auxiliar. Creou-nos a natureza assim? Não. Nós somos ambidextros, isto é, aptos para nos servir igualmente das nossas duas mãos. As creanças, ainda novinhas, extendem uma ou outra mãozinha para apanhar o seu chupador; não é senão a partir do sétimo ou oitavo mez que a sua mão direita começa a adquirir, em força ou em habilidade, tudo o que perde a sua esquerda; e; sómente aos doze ou treze mezes se torna um «dextro» provado.

De outra parte, as povoações primitivas que se encontram no baixo degráu da escala das raças e restam immersas em uma especie de infancia, sob o ponto de vista intellectual e moral, os Papuas da Nova-Guiné, os Ainos de Sakhalina, são, um pouco, como os recém-nascidos; muitos dentre elles são capazes de executar com a mão esquerda os trabalhos da vida domestica.

Não se deve culpar a natureza. Mas, quem nos faz então «dextros»? E' o atavismo. Logo que inventaram a arma, o machado ou o punhal, de silex, os nossos bellicosos antepassados das edades prehistoricas confiaram a cada uma das suas mãos uma missão especial; uma, a direita, foi encarregada de ferir; a outra, de aparar os golpes do adversario. De geração em geração, o braço direito, ao qual cubia a tarefa mais activa, adquiriu qualidades de vigor, destreza e agilidade, que se transmitem por herança. O braço esquerdo, ao contrario, reduzido a um papel puramente deffensivo e secundario, tornava-se, progressivamente, cada vez mais esquerdo, se assim podemos dizer. Com o correr do tempo, quasi acabou por ser sacrificado.

Mas, porque, com livre escolha, o homem primitivo deu a importancia á mão e aos braços direitos? E' que, antes de tudo, nos combates importava proteger o organ vital por excellencia, isto é, o coração. A mão direita manejava a espada, a lança,

o machado ou o chuço; mas só a mão esquerda, munida do escudo, podia efficazmente desempenhar essa tarefa defensiva.

E' ahí está porque chegámos á quasi paralyisia da mão esquerda. Tal é, ao menos, a explicação fornecida pelos anthropologistas e considerada presentemente a mais verosimil. Na creança o atavismo não se manifesta desde os primeiros tempos da vida; entre os selvagens, visinhos da animalidade, o atavismo ainda não teve tempo de fazer sentir sua acção. Resta explicar a existencia dos canhotos, que, entre nós, se encontram na proporção de 2 para 100 individuos. Quanto a sua mão direita é debil e inhabil, a sua esquerda, ao contrario, é robusta e arrastada a todos os exercicios. E' o caso de muitos dos esgrimidores mais reputados, como Kirchoffer, Gabriel Hippolyte Lebas e Mme. Lebas. Por que motivos esses «canhotos» escapam ao atavismo é o que é impossivel, actualmente, dizer-se.

Justiça á mão esquerda!

Perdeu ou ganhou o homem com o tornar-se «dextro»? Sem duvida, intervindo, só, na maior parte dos actos da vida, a mão direita adquiriu uma habilidade que talvez não possuia si a esquerda collaborasse sempre conjunctamente. Mas, de outra parte, que perigo não possuir senão um braço habil e exercitado! Na verdade, ficamos á sua mercê.

Outrosim, certos reformadores se propuzeram a lutar contra o habito e a hereditariedade. Em 1905, foi fundada por M. John Jackson, em Londres, uma sociedade para a educação ambidextra do homem e da mulher; o seu grito de guerra é: «Justiça á mão esquerda!» Essa sociedade não deixou de lembrar o exemplo de personagens evidentes que, por um esforço da propria vontade, se tornaram ambidextros. Hans Holbein, appellidado o Moço, pintor allemão, era já celebre, quando, depois de certa enfermidade, constatou que a sua mão direita não trabalhava mais com o mesmo vigor primitivo. Sem perda de tempo, começou a educação da esquerda e foi com esta mão que pintou tantas obras primas. Um outro pintor, Cornelio Ketel, hollandez, que muito tempo esteve hospedado na côrte da rainha Elisabeth da Inglaterra, possuia um braço indemne, mas o seu processo de trabalhar era muito curioso; despresava o pincel e o substituia pela ponta dos dedos. Para melhor espalhar a côr, habituara os dedos da mão esquerda a colaborar com os da mão direita. Era a distracção de Elisabeth e dos seus cortezãos irem ver Ketel no seu gabinete, executando em algumas horas um retrato e «esfumando-o com os seus dez dedos.»

Quanto a George Philippe Rugendas (1666-1742), não tinha este desenhista de batalhas bastante exercitada sua mão direita para esboçar no meio do combate que desenhava. Ao cabo de uma longa aprendizagem ficou apto para desenhar com as duas mãos ao mesmo tempo.

Citemos um exemplo mais recente. O desenhista Daniel Vierge tinha sómente vinte annos quando a paralyisia o atacou em plena celebridade. Todo o lado direito do seu corpo estava condemnado a uma inacção completa. Com uma arrogante energia, aos trinta annos, esse mestre de desenho recomeçou a sua educação. Pouco a pouco, a sua mão esquerda aprendia a traçar linhas rectas e curvas. Após dois annos de um trabalho encarniçado, Daniel Vierge — tornava-se Daniel Vierge.

Finalmente, uma soberana, a rainha Victoria, chegou pela força de vontade a tornar-se ambidextra. Um dia esteve tomada de caimbras no punho e, quando seus ministros submettiam documentos á sua assignatura. Desde esse dia quiz ella aprender a assignar com a mão esquerda e o conseguiu depois de algumas semanas de exerciçios. Durante os vinte ultimos annos de seu governo, escrevia tão habilmente com uma mão como com a outra, sendo impossivel distinguir as duas letras. Emfim, ha alguns annos, Paris possuia um cirurgião ambidextro, o dr. Cusco. «Este operador operava com a mão esquerda e com a direita, escreve o dr. A. Cartoz, e não se preocupava, relativamente, com a posição do doente sobre a mesa de operação.» Sua habilidade em tirar uma cataracta, com o auxilio de uma ou outra mão, era particularmente notavel.

Não esqueçamos finalmente de notar que os pianistas tocam o seu teclado com as duas mãos, com uma virtuosidade igual, e que os dactylographos, quando são bastante experimentados, se utilizam da esquerda tão bem como com a direita.

Philadelphia, centro da educação ambidextra

Os primeiros campeões da ambidextria foram os inglezes, e Londres possui uma Sociedade de cultura ambidextra; mas a America não tardou em acolher as suas doutrinas e actualmente, uma grande cidade dos Estados Unidos, Philadelphia, tornou-se o centro da educação ambidextra. Em todas as escolas de Philadelphia, as creanças são exercitadas em se servirem igualmente das duas mãos para desenhar, pintar, modelar e escrever.

A educação é progressiva; desde sua chegada á escola, as creanças vão ao quadro negro e o mestre fal-as traçar, com giz, linhas rectas, simultaneamente, com as duas mãos. Depois,

quadrados, triangulos, curvas, circumferencias, emfim, figuras symetricas, como folhas de arvore, flores de liz heraldico, que se devem desenhar da mesma maneira.

Ao cabo de alguns mezes desses exerciçios preliminares, os alumnos, moços e rapazes, tornam-se emeritos desenhistas ambidextros: executam a giz, com as duas mãos, objectos ornamentaes, riscos em arabescos complicados, como os que representam as nossas illustrações, não sendo isso para elles senão um brinquedo.

O mesmo methodo é applicado para a escripta, e é aqui que apparece de uma maneira surprehendente a utilidade da escripta vertical, recommendada ha muito na America. Experimentae escrever «inclinado» com a mão esquerda e não chegareis jámais a traçar senão umas distormes garatujas. Ao contrario, escrevendo «vertical», ao cabo de alguns ensaios, não ha mais difficuldade em escrever com a mão esquerda.

Durante os primeiros ensaios, o alumno limita-se a repassar a tinta, com a mão esquerda, caractéres traçados em pontilhado, sobre cadernos especiaes. Logo fica em estado de passar desse modelo e, no fim do primeiro anno escolar, escreve já convenientemente sob dictado de um professor com uma ou outra mão.

Os resultados obtidos por esse ensino tornam-se prodigiosos. Cita-se o caso de uma mocinha, alumna de uma escola de Philadelphia, que sabe escrever com uma e desenha com outra mão, ao mesmo tempo. A mesma alumna chegou a escrever simultaneamente, servindo-se das duas mãos, duas cartas dirigidas a pessoas diferentes e cujos assumptos uada tinham de commum.

Nunca veremos nós a educação ambidextra adquirir direito de cidade entre nós? E' pouco provavel, porque seria preciso refundir uma lei, assim como todos os nossos programmas escolares. Mas, sem nada transtornar, podemos, desde já, ensinar ás nossas creanças a escripta vertical. Seria tudo proveito para a sua saúde e, de outra parte, encontrar-se-iam melhor armadas para vencer no rude combate da vida.

Grav. n. 1 — Os alumnos de uma escola de Philadelphia exercitam-se em escrever com a mão esquerda.

Grav. n. 2 — Para se tornar ambidextro; um exercicio no quadro negro.

Grav. n. 3 — Este jovem desenhista de Philadelphia trabalha tomando o crayon com a mão esquerda e a gravura com a outra.

Grav. n. 4 — Desses desenhos, traçados no quadro negro, um foi executado por uma alumna que se servia da mão direita e outro por uma das suas camaradas que fazia uso da mão esquerda.

LITERATURA INFANTIL

O REMORSO

(CONTO PARA CRIANÇAS)

Vocês talvez não conhecem o Joãozinho! Pois, elle é uma creança encantadora e meiga, apenas com alguns defeitosinhos peculiares a quasi todas as creanças: é um pouco traquinas, aprecia demais o 'brincar, gosta em demasia de fructas e doces...

Alvo, loiro, de olhos azues—uns lindos olhos vivos, gorduchosinho, esbelto — é um menino bonito, na mais lata acceção do vocabulo.

Na escola — não sei se disse que elle está matricuado num grupo escolar, é um dos primeiros da classe pela sua assiduidade, pelo seu asseio, pelo seu exemplar comportamento, e pela sua applicação alliada a uma rara intelligencia.

Ha dias, um tio do Joãozinho lhe deu uma linda moedinha de prata no valor de \$500. Como ficou contente o nosso joven amiguinho com tal presente! E como as idéas começaram logo a esvoaçar pelo seu cerebro, fazendo-o trabalhar, pois o nosso *homenzarrão* poz-se logo a imaginar o que havia de comprar com o seu thesouro...

Pensou em doces e bolachas, em sorvetes, em brinquedos... Mas, lembrou-se que doces havia em casa, bem feitos e gostosos, nas compoteiras; bolachas abundavam no guarda-comida... Quanto aos sorvetes, os paes haviam-n'o prohibido de os tomar, allegando que fazem mal, e elle não queria desobedecel-os e depois ficar doente, a tomar remedios amargos...

Concentrou todo o seu pensamento nos brinquedos... Mas, reflectiu logo que os bons custavam caro, e que com uns magros tostões só poderia comprar coisas de nenhuma valia.

E o coitadito, por mais que desse tratos á bola, não achava em que empregar sua rica moeda. E esta estava a fazer-lhe coegas, a pedir que lhe desse immediato emprego!

De repente, uma idéa fulgurante perpassou-lhe, célere, pela mente.

Tratou. pois, mais que depressa de a por em execução: correu ao quintal e em altas vozes chamou o menino visinho, o Miguel, mais velho que elle, que lhe tinha offerecido para vender por \$500 um conhecido instrumento que os meninos máos, sem alma, usam para dar cabo das pobres aves, tão innocentes, tão uteis, tão boas, que as crianças devem sempre amar e proteger.

Comprou logo a mortifera arma: era um stilingue; dois ramos unicos na base, divergentes, com um forte elastico e um couro nas extremidades.

Fitou, por instantes, o objecto que acabava de adquirir, experimentou-o com algumas pedrinhas que atirava para cima, acompanhando-as com o olhar, embevecido, no seu rapido subir para depressa cair...

E, após, resolutu, tomou o caminho do pomar, onde, logo ao chegar, se lhe deparou um pobre sanhaço que, descuidoso e feliz, debicava uma laranja, num galho da laranjeira.

Eil-o que, presto, faz pontaria e... zás! a pedra parte e o mísero passaro vem ao chão. Tudo isso foi obra de um instante.

Porém o passarinho não morrêra: a pedra partira-lhe apenas uma aza.

Joãozinho segurou o sanhaço e conduzio-o para dentro. Mas, já não ia alegre, a cantarolar, como sempre fazia, pois reparára no sangue que, rubro, brotava do ferimento da avesita...

Chegando á varanda, sua mãe—uma santa mulher, de coração de ouro, esmoler, para quem até os soffrimentos dos animaes inferiores eram motivo de magua, sua mãe, com voz pausada e triste, fez-lhe ver o mal que praticara, aleijando cruelmente e portanto matando o pobre passarinho, que mal algum lhe fizera, tão meigo e innocente e util, que ia talvez deixar perecer de fome e de frio, no ninho, os filhinhos implumes... E contou-lhe toda a immensa utilidade das aves... enquanto o sanhaço, apezar dos curativos que recebêra, fechava os ternos olhinhos e morria.

Joãozinho chorou, chorou muito, arrependido da má acção que irreflectidamente praticára, e ainda de noite sonhou com o sanhaço, transformado agora em um bicho horroroso, de fera catadura, que lhe vinha pedir contas do que fizêra...

Desde este dia Joãozinho ama os passaros. Mas não pode ver um sanhaço sem sentir um poucochito de remorso—um remorsosinho impertinente, que vem deixal-o aborrecido.

S. Paulo, março, 1914.

ERNESTINO LOPES.

DAS NOVAS LEITURAS

NOVO PATRIOTISMO

I

— Sejam os patriotas; dizia-nos hontem o professor, naquella voz calma e agradável com que elle sempre nos fala e aconselha.

Amemos o trabalho, o estudo, as coisas de nossa terra, o seu progresso.

— Não compreendo bem, confesso, disse o esperto Luizinho, esta fórmula de patriotismo.

Ao falar em patriotismo, em patria, sempre ouvi o vovô contar historias de guerras, de lutas contra o estrangeiro invasor, de grandes victorias de nossa esquadra, de nosso exercito.

Humaytá, Riachuelo, Osorio e Barroso são nomes que lembram feitos brilhantes, acções patrioticas de nossos bravos no Paraguay.

Tabócas e Guararapes, Vieira e Henrique Dias, trazem-nos á mente as victorias das forças brasileiras contra o hollandez invasor.

Isto, diz o vovô, cheio de entusiasmo, isto é, que é patriotismo!

— Não ha duvida, Luizinho; Vieira, Henrique Dias, Osorio, Barroso e Caxias foram patriotas.

A teu vovô, que, no Paraguay, arriscou a vida em defesa da patria, nada parece mais patriótico do que derrotar um esquadrão inimigo, tomar bandeiras e canhões, pôr a pique uma nau, escalar uma trincheira, tomar um forte, sob uma saraivada de balas, e poder hastear em sua torre o auriverde pendão!

Patriotismo é isso que tu dizes, Luizinho; mas não deixa de ser patriota Rio Branco, estudando e fazendo valer os direitos do Brasil á posse das regiões contestadas do Amapá e do Acre e dando á patria, a terra das Missões.

Não são menos patriotas: — Jo.é Bonfácio, alcançando a nossa emancipação politica; o visconde do Rio Branco, conseguindo a libertação do filho da mulher escrava; o conselheiro Dantas, a libertação dos sexagenarios e José do Patrocínio, José Bonfácio, o moço, e tantos outros, pugnando pela abolição da escravatura.

Benjamin Constant, preparando a revolução republicana, Deodoro, resignando a presidencia da republica para evitar der-

ramamento de sangue de irmãos, o genial Ruy Barbosa, defendendo o direito de todos os fracos, abraçando todas as causas nobres, elevando o nome do Brasil no conceito das nações cultas, praticaram actos de patriotismo.

Patriota é tambem o conde de Mauá, construindo no Brasil a primeira estrada de ferro em 1854, de Mauá á raiz da serra, no Estado do Rio.

São patriotas os escriptores que, na imprensa diariamente, põem ao alcance dos mais desprovidos de fortuna o conhecimento das grandes descobertas scientificas, as conquistas da arte, as regras de hygiene, a summa dos bons livros, a noticia dos grandes emprehendimentos e progressos que por toda a parte se realizam.

São tambem patriotas os chefes e mesmo os operarios das grandes e pequenas industrias.

Os fundadores de fabricas de tecidos, de chapéus, de louças, de moveis, de phosphoros e de tantos outros artigos que até bem pouco eram importados da America do Norte ou do Velho Mundo são tambem patriotas; tambem trabalham pela patria, cooperam para a sua grandeza e bem estar de seus filhos.

NOVO PATRIOTISMO

II

São patriotas todos os que cooperam para nos libertar do estrangeiro, ou para concorrer no mercado mundial com os productos de outras nações.

Trabalhar em beneficio da patria, é tambem ser patriota.

— Prestai attenção, meus filhos: nós com a nossa bravura, sabemos defender nossa terra, mas não sabemos aproveitá-la.

Por falta de industria, por falta de preparo, entregavamos ao estrangeiro todos os productos da terra, que depois recebiamos por alto preço manufacturados.

O estrangeiro se locupletava de nosso trabalho, a nossa inepcia lhe entregava toda a nossa riqueza.

A palavra patriotismo é hoje bem melhor compreendida.

Tudo quanto concorre para desenvolver e aproveitar as nossas grandes riquezas naturaes, aperfeiçoar a nossa agricultura e industria, melhorar as nossas condições materiaes e moraes, tudo são trabalhos patrioticos.

E este novo patriotismo merece nosso culto e dedicação.

Na faina do viver moderno, melhorando as condições de todas as classes, tornando menos dura a situação do operario, a quem o auxilio das machinas aperfeiçoadas garante avultado producto com minimo esforço; tornando mais racional e lucrativa a agricultura com o emprego de instrumentos que, revolviendo a terra, lhe restituem a fertilidade, de outros que semeando, ceifando, colhendo, garantem ao lavrador maior remuneração ao trabalho; proporcionando o transporte a toda a especie de productos; garantindo a propriedade; mantendo a ordem publica ou reprimindo os delictos, promovendo bons actos, de todos esses modos e de muitos outros, se exerce o patriotismo.

Fundar escolas, abrir asylo aos desvalidos, casas de beneficencia aos necessitados, de protecção á infancia, á velhice, tambem é ser patriota!

Ser patriota é por intelligencia e coração ao serviço da patria.

Ser patriota é ser trabalhador e honesto, activo e empreendedor.

E' saber pôr o interesse proprio ou do individuo em plano inferior ao interesse social ou patrio.

De mil maneiras podem todos ser patriotas, desde o menino cumprindo seus deveres escolares, desde o operario na faina incessante das industrias, até o capitalista, o potentado na gerencia de altos negocios, de grandes emprezas terrestres ou maritimas.

NOTAS

Do *Estado*, de 2 de Abril findo, com a devida venia, reproduzimos o artigo publicado a respeito do *Ensino da Musica* na Escola Normal da Capital, e que deve ser ponderado pelos srs. professores no intuito da nova orientação no ensino dessa disciplina.

O ensino da musica

NA ESCOLA NORMAL DA CAPITAL

A convite do sr. dr. Oscar Thompson, muito digno director da Escola Normal da capital, e com a devida autorisação do sr. dr. secretario do Interior, fui em pessoa conhecer os resultados obtidos nesse estabelecimento, com o emprego do methodo analytico applicado ao ensino da musica e, com o emprego do systema de solfejo, cognominado «monosolfa», aqui introduzido pelo sr. professor João Gomes Junior.

Deve-se ao fino criterio pedagogico do sr. professor Carlos A. Gomes Cardim, naquella Escola, a applicação á musica do methodo analytico, já adoptado alli no ensino de outras disciplinas.

Numa conferencia, ha tempos, realisada por este professor sobre o ensino da musica, seguindo o methodo analytico, disse s. s., e com razão, que «qualquer disciplina se pode aprender e muito bem por qualquer methodo e com qualquer processo; que para o educador, porém, havia a necessidade de procurar dentre os methodos e processos conhecidos aquelle que maiores vantagens apresenta, tendo em vista, principalmente, o desenvolvimento das faculdades mentaes.»

Partindo desse ponto de vista, o sr. professor Gomes Cardim comprehendeu, e acertadamente, que, tendo o methodo analytico applicado ao ensino da leitura e da linguagem obtido surprehendedentes resultados, valia muito a pena experimental-o na sua applicação ao ensino da musica nas Escolas.

A base desse methodo está em partir «do geral para o particular, das consequencias para os principios, dos effeitos para as causas» — pois, precisamente, na sua applicação ao ensino da musica é esse o processo a seguir.

Parte-se do pratico para o theorico, — isto é, o ouvido é primeiramente impressionado, e, depois, a vista, que permite, então, estabelecer theoreticamente o que o discipulo aprendeu praticamente pelo ouvido.

Em geral, no ensino da musica cogita-se primeiramente de ministrar ao discipulo o conhecimento das notas, dos valores, etc.—é a theoria, portanto, e só depois, paulatinamente se faz o alumno solfejar; pelo methodo analytico, o discipulo ouve primeiramente, e repetidas vezes, phrases melodicadas já conhecidas, aprende a solfejar-as, seguindo as indicações do professor, e aos poucos vae solfejando outras melodias desconhecidas, dessas derivadas, com desembaraço e firmeza.

Só então, á proporção que essas phrases melodicadas apparecem, é proporcionado ao discipulo o conhecimento das definições theoreticas que ellas encerram.

Guiado pelo meu distincto collega, sr. professor João Gomes Junior, que, incansavel, me forneceu todos os esclarecimentos precisos para a justa comprehensão do methodo nos seus menores detalhes, pude verificar as vantagens extraordinarias que este systema leva sobre os outros methodos empregados.

O que, segundo pude constatar, se consegue no mais curto lapso de tempo pelo processo ora adoptado, seria impossivel obter seguindo processo diverso. Verifiquei que alumnas do primeiro anno da classe primaria, após tão sómente dois mezes de exercicios, solfejam melodias simples, por certo, mas desconhecidas, com firmeza e afinação, conseguem escrever com bastante segurança os dictados que lhes são feitos, e já tem absoluta consciencia das regras e definições que essas melodias encerram.

Onde, porém, mais surprehendido fiquei, foi no terceiro e no quarto anno da Escola Modelo, cujos alumnos, todos crianças, solfejam melodias desconhecidas, sem a menor hesitação, e respondem com perfeita consciencia as perguntas theoreticas que lhes são dirigidas pelo professor.

Só á excellencia do methodo e á sua racional applicação se devem tão brilhantes resultados.

O methodo está hoje sendo applicado por todos os professores de musica dessa Escola, nas suas respectivas classes, do curso superior, de sorte que as futuras professoras assim preparadas, irão transmittir ás crianças dos grupos escolares, de modo simples e efficacissimo, os ensinamentos recebidos; e estas, por sua vez, desse modo dirigidas, vão adquirindo, para a sua educação musical, uma base extremamente solida que lhes permittirá o maximo desenvolvimento.

Como complemento ao ensino analytico, adoptou-se o systema de solfejo, cognominado de «monosolfa».

Reputo-o de immensa utilidade, não sómente como meio pratico, rapido e simples de transmittir o solfejo directamente aos discipulos, mas, tambem, como factor disciplinador da concentração.

Causa intenso interesse observar com que attenção imperturbavel os discipulos seguem, os olhares intelligentes cravados nas mãos do professor, os signaes que elle lhes transmittre pelos movimentos dos dedos, certos de que a menor desattenção de sua parte redundaria em prejuizo do trabalho colectivo. Além desses dois systemas ora applicados ao ensino da musica naquella Escola, notei ainda a vantagem extraordinaria que ha na adopção da nota sol, da segunda linha da pauta, como diapasão para o ensino. Essa nota, que é constantemente repetida aos discipulos, afim de que elles possam retel-a na memoria, é um excellento ponto de partida para achar os intervallos que della derivam, e constatei, de facto, que as crianças achavam facilmente, por isso, os intervallos indicados.

Tambem me impressionou muito favoravelmente, nas classes das crianças, a preocupação do professor em não permittir o canto gritado, descuido esse até ha bem pouco ainda observado nas escolas e que tão funestos prejuizos causa á infancia.

Está, portanto, a Escola Normal prestando um serviço inestimavel, graças aos methodos ora adoptados, e, é evidente que as futuras professoras poderão cooperar de modo muito effcaz na obra da educação esthetica da criança, o que é de importancia capital, visto como até aqui o ensino da musica nas Escolas não tem correspondido ás necessidades que se impõem á cultura esthetica da criança.

Acredito agora que desse modo se esteja preparando uma geração capaz, no futuro, de comprehender o ensinamento das artes nas Escolas, não como um factor secundario de educação geral, e sim, como um factor importante na formação do caracter e do intellecto.

Convém, porém, para que tal se realice, pelo menos no que concerne ao ensino da musica, que seu programma seja uniforme em todas as Escolas do Estado. E' mister que os professores de musica das Escolas Normaes do interior tenham conhecimentos completos dos methodos ora adoptados e os saibam empregar conscienciosamente. Ouso, por isso, appellar para o bem intencionado governo do nosso Estado, afim de que seja facultada a esses professores a frequencia das aulas de musica da Escola Normal da Capital durante o tempo necessario, ou, se isso for difficil, que se faça a publicação em folheto dos processos seguidos na applicação dos methodos empregados, e que esses folhetos sejam largamente distribuidos pelos professores do interior.

Convém, ainda, que nos grupos escolares, a musica seja, dóra avante, ensinada pelo methodo analytico e, portanto, devem os professores desses grupos preparar-se egualmente de modo a conseguir absoluta uniformidade do ensino de musica em todas as escolas do Estado.

F. DE OTERO.

Uma nova cartilha

Temos sobre a mesa de trabalho, e por offerta do seu autor, o professor mineiro sr. Graciano G. Calado, um exemplar de um trabalho didactico, intitulado «A leitura elementar na escola moderna», composto de um folheto explicativo da processologia do seu ensino, e de um mappa destinado a lições para os alumnos.

O folheto vem prefaciado pelos professores, dr. Cypriano de Carvalho, ex-jente de Physica e Chimica da Escola Normal de S. Paulo e actual director da Escola Normal de Bello Horizonte, e Tito Fulgencio; foi impresso nas officinas da «Imprensa official do Estado de Minas».

E', pois, um trabalho que traz, sinão um titulo, ao menos um cunho official.

Provavelmente, por essa razão, terá tambem a sua adopção official nas escolas publicas do visinho Estado.

Seria lamentavel, entretanto, que isso succedesse, agora que o ensino da primeira leitura já tem o seu processo racional perfeitamente esclarecido.

O sr. professor Graciano G. Calado, em quem reconhecemos uma intuição de verdadeiro pedagogo, cita, na capa do seu folheto, palavras de notaveis philosophos e pedagogistas, sobre as quaes dá a entender que baseia o seu processo de ensino da leitura.

Mas, por isso mesmo que ellas traduzem principios psychologicos de raro valor, é que nos surprehendeu não lhes haver dado o illustre professor mineiro, na applicação de suas lições, a sua verdadeira interpretação.

Pois, ninguém hoje ignora, entre os que convivem em tão elevado commercio intellectual, que o espirito infantil só pôde, na aquisição de conhecimentos, caminhar do concreto para o abstrato, do geral para o particular.

A letra, o som, por isso que são insignificativos, e não têm uma correspondencia concreta na mente da creança, sómente se

consideram como elementos abstractos, particulares, no inicio do ensino da leitura.

A esse grande erro do passado a psychologia experimental já deu um basta formidavel.

O proprio Faria de Vasconcellos, citado pelo sr. professor Graciano, affirma-o tambem em uma das paginas do seu livro, quando diz que o elemento, na leitura, mais concreto para o espirito infantil, é justamente a sentença.

E' isso que tambem affirmam Littré, Stuart Mill, J. Coelho e A. Bain, cujas palavras vêm citadas no folheto do presado collega.

Para não nos alongarmos em demasias de considerações, basta chamarmos a sua attenção para os conceitos de Littré.

«Todo conhecimento humano compõe-se de duas coisas — o objecto e o sujeito. O objecto dá a materia do conhecimento; o sujeito, a fórma».

O objecto do conhecimento, no ensino da leitura, só será aquelle que já tenha a sua representação concreta no espirito da creança: é a sentença, como assevera Faria de Vasconcellos; a sentença com que ella, no circulo das suas observações registrou as suas impressões e primeiros desejos.

A fórma — é a expressão, isto é, o conjuncto, a reunião de idéas que vehicula, na expressão oral ou escripta, o pensamento já formulado.

O ensino da leitura elementar pela letra, ou seja pelo som, jámais traduzirá a verdade de taes conceitos.

Para ensinar-se, qualquer que seja a disciplina em questão, é mister, antes de tudo, que se desperte a actividade mental do aprendiz.

E' o que aconselha Peralozzi, quando manda que, primeiro, se forme o espirito, para o instruir depois.

Desperta, a actividade, de si se encarrega de assimilar o instrumento que lhe serviu de agente, adaptando, ora os termos ás idéas, ora juxtapondo as associações entre si, dando assim, a cada objecto do mundo real, uma coparticipação psychica, e trazendo de cada objecto, ao mundo intellectual, uma coparticipação objectiva e concreta.

O principio da pedagogia americana do *to learning by doing* não tem outro fundamento psychologico.

Maudeslay assim formulou esse novo principio: — A continuidade dos mesmos actos engendra predisposições de acção nas cellulas nervosas cerebraes, de modo a que cada producção posterior semelhante é mais facilmente executada.

Desse phenomeno nasce a lei do habito.

Nem é preciso dizer mais para provar-se o absurdo do ensino da primeira leitura pela letra ou pela syllaba.

Neste ponto, discordamos pois, radicalmente da orientação seguida pelo distincto collega mineiro.

Representa um perigo para o desenvolvimento mental de uma legião de creanças.

Todavia, dentro da sua propria orientação, que tem um assignalado valor pela systematização a que obedecem as lições, o que denota um espirito educado de bom professor, — dentro da sua propria orientação, o distincto educador mineiro poderia achar a fórma que sanasse alguns dos inconvenientes apontados.

Era começar por uma sentença.

Cá está a pá, por exemplo.

Depois de bem dominada pelos alumnos, desceria á analyse das syllabas e dos sons, formando de novo pela sua synthese, novas palavras do conhecimento dos aprendizes.

Conseguiria fazer delles conhecidas as palavras : *capa, cata, paca, pata, estaca*, etc., e as sentenças :

Cá está a paca.

A paca está na estaca.

A pata da paca.

Esta é a pata da paca.

Não seriam interessantes, concordemos, mas aproveitariam muito mais á evolução mental das creanças.

Estamos certos que modificando assim o ponto de partida de seu processo, o professor Calado, pela competencia que demonstra no desenvolvimento das suas lições, prestaria um relevante serviço á instrução publica de Minas.

Muito gratos pela gentileza do exemplar que nos remetteu.

Escola de Ensino Racional

Com este titulo fundou-se, em Porto Alegre, uma instituição visando a divulgação das boas doutrinas sobre o ensino, afim de bem orientar o professorado do progressista Estado na educação dos seus respectivos alumnos.

A primeira publicação que a «Escola de Ensino Profissional» deu á estampa, contem a bella conferencia que o nosso illustrado collega, prof. Benedicto Tolosa, realizou em Piracicaba, com o titulo «A escola e o seu papel educativo».

Augurando á nova instituição rio-grandense todo o auxilio publico que merece, afim de se tornar desiciva a sua influen-

cia na educação dos futuros cidadãos brasileiros, agradecemos o exemplar que nos enviou da alludida publicação.

Revista de psychologia

Temos sobre a nossa meza de trabalho o *Bulletin Mensuel*, n. 96, da *Société libre pour l'Etude de psychologie de l'Enfant*, correspondente ao mez de Abril a Maio do corrente anno, publicação da Livraria Felix Alcan Paris.

E' um trabalho de muito valor, attendendo-se ás notabilidades em psychologia que nelle collaboram, sendo o seguinte o seu summario :

Resumo da sessão de 19 de Fevereiro de 1914; exames sensoriaes; novas experiencias de nivel intellectual; bibliographia.

Agradecendo a visita, que, esperamos, não seja a ultima, promettemos enviar á *Société libre pour l'Etude psychologique de l'Enfant* a nossa modesta *Revista*.

A imprensa continua a fazer ás paginas de nossa *Revista* as mais elogiosas referencias, que penhorados agradecemos.

Le Messager, jornal dedicado aos interesses da colonia franceza no Brasil, e dirigida pelo sr. E. Hollender, em um de seus numeros, disse a nosso respeito :

Accusés de réception

Revista do Ensino. — Organe de l'association de benefaisance du professorat public de S. Paulo, publication officielle trimestrielle n. 4. Typographie du *Diario Official*. S. Paulo.

Dédiée au perfectionnement de l'enseignement scolaire, cette Revue a une grande importance; le dernier numéro contient des articles sur la pédagogie pratique : le Comptage mental, par Georges Dumas; des modèles de leçons et une conférence très intéressante du professeur João Lourenço Rodrigues, faite á l'occasion de l'inauguration du groupe scolaire de Pedreira.»

Continuamos a ser honrados com a visita de grande numero de jornaes, livros e revistas, com as quaes permutamos.

Dentre os muitos recebidos ultimamente, citaremos :

Germania — Capital ;

O Movimento — S. Manoel do Paraizo ;

Educação Nacional — do Porto, Portugal ;

A Escola — orgam do G. Escolar «Jeronymo Coelho» — Laguna ;

La Universidad Popular — de Buenos Ayres ;

Monitor Sul-Mineiro — de Campanha ;

O Paladino — do Acre ;

Revista de La Universidad — de Honduras ; *Alto Acre*, de Xapury ;

Revista Escolar do Instituto de Humanidades — de Fortaleza.

Anuario Estatístico — de S. Paulo ;

Bulletin Officiel du Bureau de Renseignements du Brésil a Paris.

Movimento Associativo

A Directoria da Associação, no intuito de concorrer para maior divulgação da *Revista*, acaba de enviar aos srs. Professores a seguinte circular :

«Distincto Collega : — Desejando concorrer para maior divulgação da *Revista de Ensino*, orgam da Associação, a Directoria resolveu offerecer uma collecção completa da *Revista* (dez annos) ás Sras. Professoras e Professores que se inscreverem como socios contribuintes, e pagarem de uma só vez a joia e annuidade (30\$000).

Na certeza de que acceptareis a oportunidade que agora se offerece de adquirir tão util e importante publicação, vindo collaborar com os que se esforçam pelo prestigio e aggremação da classe, esperamos a devolução da proposta que junto a esta encontrareis e na qual fareis as necessarias declarações.

Saudo-vos com toda consideração — A DIRECTORIA.»

Os srs. associados têm direito, gratuitamente aos serviços do procurador social, que trata nas repartições publicas do andamento de todos os papeis que dizem respeito ao exercicio dos srs. professores e professoras.

Para este fim os srs. associados se dirigirão ao Secretario da Associação, prof. Demosthenes Marques, rua das Flores n.º 9 A — Capital.

Está á venda o oitavo volume da *Revista*, 1911-1914, para completar as antigas collecções, oito fasciculos, preço 5\$000 ; a enviar pelo correio, mais 500 réis de porte e registro.

Revista de Ensino

A *Revista de Ensino* continúa a representar na imprensa a *Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*.

E' o seu orgam ; a ella devem ser endereçados (rua das Flores, 9-A), os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.

Os membros da *Associação* continuarão a receber a *Revista* gratuitamente, e os não associados podem obtel-a por assignatura annual de 5\$000.

A Directoria Geral da Instrucção Publica tem a seu cargo a redacção da *Revista*, que voltou a ser editada ás expensas do Exmo. Governo do Estado.

As sras. professoras e os srs. professores podem dirigir os seus trabalhos de collaboração com este endereço :

Redação da Revista de Ensino,

Directoria Geral da Instrucção Publica,

Rua Ipiranga n. 24

S. Paulo

Para facilidade do serviço typographico, os artigos devem occupar uma lauda de cada tira de papel, escripta de um só lado.

Recebem-se collaborações para o seguinte numero :

A' venda — collecções completas, doze annos, oito volumes :

Encadernação superior.	50\$000
Meia encadernação.	40\$000
Em brochura.	35\$000
Em fasciculos.	25\$000

Registrado, pelo correio, mais 5\$000.

Pedidos á *Associação Beneficente do Professorado*, rua das Flores, 9-A, ou á livraria *Francisco Alves e Cia.*, rua de São Bento — Capital.